

**O PATRIOTA,  
JORNAL LITTERARIO,  
POLITICO, MERCANTIL, &c.**

D O

**RIO DE JANEIRO.**

---

*Eu desta gloria só fico contente,  
Que a minha terra ame, e a minha gente.*  
Ferreira.

---

**TERCEIRA SUBSCRIPÇÃO.**

N. 2.º

**MARÇO E ABRIL.**

---

**RIO DE JANEIRO.  
NA IMPRESSÃO REGIA.**

1 8 1 4.

*Com Licença de S. A. R.*

---

*A subscrição se faz na Loja da Gazeta, ou na  
de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, a 60000 reis  
pelos seis numeros. Nas mesmas se vendem avulsos  
a 12000 reis.*





## T O P O G R A F I A .

*Discurso sobre a urgente necessidade de huma Povoação na cachoeira do Salto do Rio Madeira, para facilitar o utilissimo e indispensavel commercio, que pela carreira do Pará se deve fomentar para Mato Grosso, de que resulta a prosperidade de ambas as Capitánias. Author Ricardo Franco de Almeida Serra, Sargento Mór Engenheiro.*

**A** Capitania do Mato Grosso, confinante com os Dominios Hespanhoes do riquissimo, amplo, e populoso Perú, pela longa fronteira de 500 leguas de extensão, que circundão, separão, e formão em profundo fosso os grandes rios Paraguay, Guaporé, Mamoré, e Madeira; sendo a mais remota Colonia do Principado Portuguez do vastissimo Brazil, e a mais distante a respeito dos seus portos maritimos, guardando em si ainda não tocadas e ricas minas; cobrindo as Capitánias interiores deste vasto Continente: sendo em fim as minas que nelas se descobrirão o attractivo, que as povoou, e o unico meio para a sua conservação e augmento em novos descobertos nos seus atoplos e ainda não trilhados sertoes; parece por tantos motivos igualmente certo que os muitos e grossos effeitos indispensaveis para se trabalharem, e fazer prosperar e subsistir estas longiquas minas, devem ter no seu valor huma relativa proporção aos jornaes, que nelas se fazem, para que a igualdade dos interesses equilibre os mineiros e lavradores com a balança do commercio, a qual pendendo só para hum lado conduz o outro da decadencia a huma certa ruina; anniquilando em fim ambos, logo que falta a reci-

proca consistencia de cada classe, que só se enlaça e nntte nos seus proporcionados e mutuos lucros.

O Commercio para Mato Grosso se tem feito por duas differentes vias: huma que annualmente se frèquenta por terra, desde as Cidades do Rio de Janeiro, e da Bahia de todas os Santos, por caminho de 600 leguas de distancia, em que empregão os Commerçiantes 5 mezes de marcha com numerosa tropa de bestas, nas quaes só pôdem conduzir, além de baetas e pannos de linho, e outras poucas fazendas grossas, e alguns escravos, as que são meramente de luxo, sem que possam conduzir por terra os muitos e grossos generos só necessarios e indispensaveis para a conservaço e augmento das minas; porque pela dita estrada de terra, e pela difficuldade de trazer em bestas cargas grossas, de grande pezo e volume, a despeza de tão longa viagem as faria subir a tal preço, que em poucos annos causarião a ruina, e abandono total de todas as minas, unico nervo, e objecto que pôde conservar esta concentrada e remota Capitania.

Estes generos, que são ferro, aço, foices, machados, alavancas, almocafres, cobre em folha, pregos, ferramentas para os officios mechanicos, ferragens para os edificios, polvora, espingardas, estanho, louça branca, vidros, vinho, vinagre, licores, taixos, caldeiras, remedios, facas, e mais quinquilharias, com o importantissimo effeito do sal, só pela carreira e navegaço do Pará podem chegar por hum justo preço a Mato Grosso.

Emquanto se frequentou esta carreira, florescerão estas minas; porém enfraquecendo esta importante navegaço consideravelmente, ha cousa de dez annos, tem experimentado os seus habitantes hum mortal golpe; a falta destes generos fez subir o valor de alguns, que interpoladamente apparecião, a hum preço extraordinario em comparaço dos antigos preços, com damno ruinoso dos com-

pradores ; basta ver a differença de alguns para se calcular o resto. Em quanto se frequentou a carreira do Pará, huma carga de sal custava de 8 até 100 reis, e na sua falta subio a 16, 20, 30 e 400 reis cada huma. A libra de ferro custava 150 reis ; subio a 300. A libra de aço custava de 220 a 300 reis, a dita falta a elevou a 600. Hum frasco de vinho, vinagre, ou outro licor, valia de 1500 a 1800 reis, a sua falta dobrou, triplicou, quadruplicou, e ainda levou a maior excesso o seu valor : neste presente anno de 1797 se vendeu cada frasco a 6 e 7200 reis, e ultimamente subio a 7600 ; e á proporção referida subio a polvora, o papel, o ferro, aço, alavancas, e mais effeitos grossos, a que os mineiros dão hum grande e indispensavel consummo, e calculando-se esta necessaria despeza com os jornais das minas, já ha muitos annos decadentes da sua primitiva riqueza, vem a ficar estes por metade dos que se fazião ha dez annos ; causa manifesta de huma constante decadencia, e de se abandonarem algumas minas, que, ainda que davão modicos jornaes, podião com a despeza do ferro, aço, alavancas, sal, &c, em quanto se vendião por proporcionado preço ; mas dobrando pela ponderada carestia o valor destes effeitos, aquelle jornal modico, e que compensava a despeza veio a ligar os mineiros a hum dobrado empenho, e a enfraquece-los ; e a deixarem as suas antigas tarefas, faltando consequentemente a maior extracção do ouro. A maior Cidade do Universo, que compre os generos da primeira necessidade por preço dobrado, ou ainda a 50 por cento do seu antigo valor, cahirá necessariamente na decadencia ; quanto mais huma colonia, que ainda se póde considerar na sua infancia, aonde o biro, seu unico effeito, vale sempre o seu intrinseco e taxado valor.

A segunda via para importar o Commercio nesta Capitania, e para obstar á expressada carestia,

he a carreira, e navegação do Pará, a qual tem sido hum objecto, que mereceu sempre a cuidadosa attenção dos Excellentissimos Generaes do Mato Grosso, principalmente dos Excellentissimos Conde de Azambuja, e Luiz Pinto de Souza Coutinho, mandando cada hum delles fundar na cachoeira do Salto huma povoação, que servisse de escala a tão interessante Commercio, facilitando, e animando com ella tão importante navegação.

Porém como a Capitania de Mato Grosso naquellas épocas não tinha meios para fundar hum estabelecimento com força e população proporcionada para a sua conservação e augmento, e para se fazer suportar e acariciar as numerosas e valentes naçoens de Indios, que habitão nas immediçoens daquella cachoeira, nem estes colonos concentrados em tão remoto lugar pelo seu pequeno numero podião colher as riquezas, que offerecem aquelles largos e ferteis terrenos tudo concorreu para que desanimados abandonassem aquelles ricos lugares, não existindo ha muitos annos tão util estabelecimento.

A povoação da Cachoeira do Salto será por todas as diversas faces, com que se pôde olhar hum estabelecimento, vantajoso a si mesmo, util ao Estado, e o unico meio para com hum reciproco e indispensavel commercio se augmentar a força, população, riqueza e effeitos das duas importantes Capitancias, do Grão Pará e Mato Grosso, ambas limitrophes com as vastas possessoens Hespanholas de toda a America Meridional por huma extrema de 1500 leguas de extensão, que circula o centro deste vasto e novo continente.

O lugar da cachoeira do salto, onde existe o seu varadouro, situado na latitude de  $3^{\circ} 52'$ , 163 leguas acima da Villa de Borba, e 193 abaixo do Forte do Principe da Beira, he fortissimo por natureza; e como está sobre a extrema das duas

confinantes nações, a privativa posse deste lugar, não só será a chave do Rio da Madeira, e a segurança da sua navegação, e dos terrenos, que limitão por Sul a extrema da Capitania do Pará, e da maior e mais superior parte do Rio das Amazonas, mas servirá de grande estorvo á Nação, que não a possuir, e será hum ponto, pelo meio do qual se pôde penetrar até ás suas possessões. Hum povoação neste importante lugar será em poucos annos hum dos maiores estabelecimentos do centro do Brazil, logo que a sua população possa abranger os muitos ramos de negocio, que alli lhe offerece a Natureza. Ella fica no centro de hum vasto sertão abundantissimo em salsa, cacáo, puxiri, e outros effeitos; as manteigas das tartarugas, a salga do peixe, as gommás, e muitas bellas e grandes madeiras, tudo he huma riqueza que a circunda.

Alli se podem fazer as maiores canoas de duas e tres mil arrobas de carga, que em 30 dias de navegação podem levar até á Cidade do Pará estes vendiveis effeitos, os quaes com maior e mais perigosa navegação vão os sertanistas d'aquella Cidade buscar ao alto Rio Negro e Amazonas, ou Solimões, e aos seus grandes e lateraes braços, muitos delles em extremo doentios, o que não succede no Madeira, onde antigamente se fez grande commercio, mas que a traidora e guerreira nação Mura, já hoje nossa alliada, fez abandonar.

Além de outros effeitos naturaes do paiz, são aquelles terrenos formados pelas melhores terras fundaes, e as mais proprias para huma abundante cultura, que igualmente no Pará tem pronta venda, como tabaco, algodão, caffè, arroz, anil, e assucar; e este ultimo effeito faria huma positiva riqueza deste lugar; porque como os moradores do Pará só querem plantar nas margens e Ilhas do Amazonas visinhas d'aquella Cidade, cujos terrenos não são os mais proprios para a planta da cana,

por serem as terras insufficientes, pois são formadas por successivas camadas de lodo, ou nateiro, que pelo espaço de muitos seculos as agoas e cheias do Amazonas alli forão accumulando, de 8. até 12 palmos de altura, sobre fundo de tabatinga, terras que pela enchente e marés deste maximo rio ficão quasi ao nivel das agoas, que filtrando pelas suas occultas veias, as ensopão e embebem de succo salino e salobre, de tal fórma que, cavando-se poucos palmos, se acha logo abundancia de agoa; não podem nem são nestes sitios as canas mais succosas, nem doces, e com effeito o assucar chamado branco no Pará, quando se tira das fórmas he como o mascavado de Mato Grosso, e só depois de clarificado com trabalho e despeza, fica claro e proprio para o decente uso dos ricos particulares, vendendo-se sempre por dobrado preço do que custa na Bahia; nas terras pois das cachoeiras, e das suas immediaçoens firmes, solidas, altas e pingues se daria esta planta perfeita, e faria hum solido fundo de commercio áquelles colonos,

Outra vantagem desta povoação seria reduzir as muitas naçoens de Indios, que habitão as margens do Madeira, obra que não tem mais difficuldade do que saber attrahir com sofrimento, agrado, e docilidade estes homens selvagens, desconfiados dos Europeos, com a funesta idéa de catiyeiro entre elles geralmente derramada, e que vivem em huma perfeita igualdade entre si, tão nus dos vestidos que não necessitão, como das maximas politicas, da propriedade, da jerarquia, das manufacturas, do luxo, e dos preciosos metaes, que desprezão, fundando os seus interesses em huma rede, e no seu arco e flecha, que os defende dos seus inimigos e das feras, e os sustenta, encontrando em qualquer parte do sertão, em que se achão, fructos e raizes, de que se alimentão, e fazem os seus vinhos, limitando a sua lavoura á planta da mandioca.

Bem se vê que para costumar ao trabalho huns homens, que sem elle vivem largos annos, fartos e contentes á sombra dos frescos e saudaveis bosques da Zona torrida, he necessario hum methodo mais analogo ás suas idéas, até que costumados gradualmente aos nossos usos, virtudes, e vicios, venhão pela successão dos tempos a fazer huma nova natureza e huma maior precisão de necessidades: a permutação dos effeitos, que elles podem trazer do sertão, por facas, machados, espelhos, contas, e outras quinquilharias e a boa fé neste commercio, seria meio suave, para que insensivelmente perdendo a natural desconfiança e ferocidade, se fosse com estes interesses aggregando a aquella povoação, e fazendo o fundo maior dos seus interesses.

Estes Indios e aquella povoação será hum facil meio para se acharem as sabidas minas do Jamary e do Ribeirão, que pela convexidade, que o Rio Madeira alli faz não podem distar da Cachoeira do Salto mais de 20 até 30 legoas, e talvez outras mais, que indicão em toda a sua extensão as serras dos Parecis; descoberta, que augmentará a força e população d'aquella larga fronteira, facilitando pela maior concurrencia do commercio a cultura e exportação dos effeitos daquelles lugares, estabelecendo com elles a reciproca dependencia, que equilibra o negocio com a agricultura.

A povoação do salto he de urgentissima necessidade para a util navegação e indispensavel commercio, que desde o Pará se faz para Matto Grosso; já ficão ponderados os damnos, que resultão da sua falta; e para que se não experimentem, só este estabelecimento será hum solido meio.

Os commerciantes, que se destinão a esta carreira, gastão nella regularmente dez mezes de navegação, dos quaes tres e quatro mezes empregão em passar as cachociras, e fazem até Villa Bella

a despeza de 25 por cento: aquelle estabelecimento cortará esta despeza pelo meio, e o tempo total não passará de seis mezes.

Cada canoa de negocio se reputa, com os respectivos remeiros, piloto, pescadores, dono e agregados, a 20 pessoas de equipagem; e na Villa de Borba carregão para cada homem, além do peixe seco, 5 alqueires de farinha de mandioca, isto he, cem alqueires para cada canoa. Com a povoação do salto basta conduzirem 20, e os 80, que poupão, são outras tantas cargas de commercio; alli acharão todos os mantimentos, que necessitem, e huma prompta ajuda para passarem, com qualquer pequeno interesse, que fação áquelles moradores, as cachoeiras em metade do tempo, que nellas gastão; e trocarião alli os Indios doentes por outros de saúde; além de que quando as canoas desta povoação fossem levar ao Pará os seus effeitos, podião trazer a frete grande parte das carregaçoes até aquelle lugar, e d'elle mesmo por hum novo frete até a cachoeira da bananeira, fretes que importarião menos do que a despeza total desde o Pará em canoas, remeiros e mantimento: na mesma bananeira podia a povoação do salto ter feito canoas proprias, que vendessem aos commerciantes com reciproca utilidade de todos, e desta Capitania: a mesma povoação conduzindo em retorno do Pará, alguns generos proprios para as Minas, as podião vir vender a Mato Grosso, conduzindo-os facilmente, quando as cachoeiras offerecem menos perigo e trabalho; esta ligada combinação de interesses, e a menor despeza não só poria as fazendas no seu pé antigo, mas as rebaixaria a mais modico preço; e animando assim mais e mais esta tão necessaria navegação, fará afrouxar a de luxo do Rio de Janeiro, que a falta da carreira do Pará levou a maior excesso.

A falta pois do commercio do Pará dobrou o

numero dos commerciantes de terra para os portos de mar; muitos homens de pouco, ou quasi de nenhum fundo, se animarão a elle, introduzindo-se em Villa Bella a usura de 10, 15, e 20 por cento, usura que os profundos Inglezes conhecerão ha hum seculo hia arruinando o seu commercio e povos, limitando-a com graves penas ao interesse de 5 por cento. Estes negociantes de pouco fundo para comprarem nos portos de mar escravatura, só empregão o dinheiro que lhes emprestarão com fiadores na terra, em fazendas de luxo, que com o maior preço das que trazem fiadas, usuras vencidas, e juros correntes, carregão necessariamente estas fazendas a mais 40 e 50 por cento d'aquelle valor, porque se podem vender, quando são compradas e conduzidas por homens, que com os seus proprios cabedaes fazem este commercio, verificando-se em Mato Grosso a infallivel maxima de que quando o commercio não dá a mão á agricultura, e á industria (que em Minas consiste só em minerar), em lugar de util he destructivo.

O certo he que estes negociantes, que principião com mais verdade e credito do que fundos, a pezar de pagarem as usuras graciosamente estabelecidas em Villa Bella, e o sobrecarregado das fazendas fiadas nos portos de mar, com os juros da lei em cima, tratando-se com decencia e fausto, todos em poucos annos adquirem grandes fundos á proporção das suas entradas, retirando-se com elles a Portugal, e que as minas, vendo fugir-lhes a sua substancia, não prosperão e se atrazão.

Sendo o commercio do Rio de Janeiro, ou da Bahia, só util pelo artigo de introduzir escravatura, e com ella os robustos braços, que desentranhem do seio da terra os preciosos metaes que occulta, e que são o attractivo, com que se povoou o centro do vasto Brazil, sem o qual, sim terião augmentado os muitos effeitos de agricultura, que

dão e pôdem produzir em centupla quantidade as mil e cem leguas, que fórmão a amplissima costa do Brazil com grandes portos, e multiplicados ancoradouros, mas esta abundancia não rebaixaria o seu preço a ponto de arruinar o lavrador? O estrangeiro, que lhe dá hum grande consumo, não coarctaria as suas precisoens, os seus almoços, e a sua meza, abandonando o algodão pelas suas antigas e duraveis lãs, não tendo no multiplicado giro da moeda os dobrados interesses com que os compra? Seria preciso reduzir a Europa ao tosco estado, em que se achava antes da descoberta da Asia e da America: a navegação, que pelo meio do seu grande commercio abraça as extremidades da terra, fazendo de todas as naçoens hum só povo, sem os metaes, o primeiro valor de todas as produçoens do globo terraqueo, limitar-se-hia ao seu antigo e precario estado, reduzindo-se á simples pesca dos arenques, do atum, das baleias e do bacalhão, e á incerta estabilidade de indigente permutação.

A Europa está tão inveterada, e empedernida neste vagamente chamado commercio, de riqueza apparente e de luxo, que ha toda a probabilidade que elle se augmente, e não diminua; e não he huma riqueza dobrada os muitos e valiosos effeitos da Costa do Brazil, juntamente com as pedras preciosas e o abundante oiro do seu centro?

Além de que, se os Portuguezes não povoassem estas minas, os Hespanhoes ha muitos annos estarião em Mato Grosso, e no alto, rico, e vedado Paraguay; e hirião gradualmente estendendo as suas possesçoens até Goyaz, e Minas Geraes; se estas Capitánias não forão povoadas pelo oiro, que nellas achamos, elles as descobririão: esta nação nossa rival, sobranceira á costa do Brazil, fronteira, e a mais recta via para a Europa, Africa, e Asia, não buscaria nella hum porto, que as indefezas, e largas veredas do sertão lhe abri-

rião? Por isso mesmo que a sua costa do mar do Sul he na maior parte esteril, e ainda que o não fosse, a longa e perigosa navegação de 8 e 10 mezes para a Europa lhe dificulta a exportação mutua da Capital com tão vastas Colonias. Estas reflexoens, que tem dado assumpto a diversos discursos de muitos politicos, me animarão a metter a foice em seara alheia.

A ponderada desigualdade da balança do Commercio para Mato Grosso, só a carreira do Pará, e a povoação do Salto pôde equilibrar: hum negociante desta carreira com 3 ou 400 cruzados carregá huma canoa dos generos que pôde conduzir: esta canoa depois de carregada com sal, ferro, aço, frasqueiras &c, ainda pôde trazer, e traz 30 ou 40 fardos de fazenda, que valem até 1200 cruzados, sem augmentar a carga, nem fazer com elles huma particular despeza.

Os escravos, que comprão no Pará, ainda que custem mais caro 30 ou 4000 reis do que no Rio de Janeiro, vem a ficar em Mato Grosso pelo mesmo preço, pois se poupão pelo menos 2000 reis de hum remeio, e 14 de entradas e direitos.

O Commerciante do Pará não pôde vender os seus generos apressadamente porque como são da primeira necessidade, só com ella se comprão. 100000 reis de fazenda de luxo não vestem hum homem de huma vez e sustentão huma fabrica de 40 escravos hum anno, quando os preços são modicos.

He verdade que os ganhos dos negociantes do Pará não são tão grandes, nem tão repentinos, pela dobrada demora da sua vinda, como os do Rio de Janeiro, e da Bahia.

Este facto constantissimo he a mais forte razão, que evidentemente demostra o quanto a carreira do Pará, que não fornece rapidas fortunas, he a mais propria, necessaria e equivalente para conservar o necessario equilibrio entre o commercio e as mi-

nas, ficando igualmente evidente quanto a navegação do Pará he propria e de urgente necessidade para prosperar a Capitania de Mato Grosso, merecendo por tantos motivos todo o auxilio e favor.

A mesma urgencia de maior commercio exige a Capitania do Pará; pois a pezar da privativa e abundante producção dos muitos effectos, que lhe são proprios, derramados por toda a extensa amplitude do vastissimo Paiz das Amazonas, se acha ainda muito longé de encher as positivas esperanças, que conhecidamente promete, quando por ser humã fronteira a Francezes, Hollandezes, e Espanhoes, e hum porto de mar aberto, e de difficil defensão, e em fim huma chave, que feza pelos rios Tocantins, Xingú, Topajós, e Madeira, a facil communicação, com que por estes grandes confluentes do Amazonas, se pôde, navegando-os, penetrar até o interior da maior parte do Brazil, necessita por tantos motivos, que as suas forças e população se augmentem o que só pôde conseguir por hum maior fundo de commercio, que chamando áquelle porto maritimo o ouro destas minas, lhe facilite cazas de negocio de maior fundo, que possam impartar, além dos generos que lhe são precisos, e a escravatura para a sua cultura, hum excedente de todo este commercio, com que possa forneoer a Capitania de Matto Grôso.

Comparando a situação geografica da Cidade do Pará com as duas da Bahia de todos os Santos, e do Rio de Janeiro, ambas ellas as mais florecentes, ricas e populosas de toda a costa do Brazil, e reflectindo que estas duas potentes Cidades não devem a sua grandeza e augmento unicamente aos effectos das Capitánias, de que ellas são capitaes, mas tambem ao grande commercio, que fazem para todas as minas; commercio, que lhes facilita pela pronta venda dos muitos effectos, que recebem da Europa a extracção dos proprios ha-

res, de que resulta animar-se a agricultura d'aquellas duas Capitánias, augmentando o negocio activo, que fazem com a costa d'Africa. E sendo certo, como he, que os muitos effectos que exportão estas duas Capitánias para a Capital, não só os póde produzir o estado do Pará na maior abundancia, mas excede-las em outros muitos generos, que lhe são privativos, como são sarçaparrilha, cacao, cravo, baunilha, &c., fica, segundo parece, demonstrado que para o Estado do Pará se emparelhar á proporção da sua situação, e do relativo commercio, que póde pelo seu porto maritimo importar para as minas, só lhe falta o mesmo grande rumo do commercio, que tem levantado aquellas duas Cidades, sobre as outras suas visinhas da larga-costa do Brazil, commercio, que á proporção do Estado actual destas minas, e do que ellas promettem, só lhe póde facilitar. a Capitania do Matto Grosso, e ainda o Cuyabá, da qual receberia annualmente em ouro em barras mais de duzentos mil cruzados que segundo o calculo mercantil he fundo para negocio de hum milhão; e á proporção do giro deste maior fundo, será consequentemente reciproca a utilidade destas duas Capitánias, que exigia cada anno auxilios externos para a sua ordinaria despeza.

O commercio, esse vigoroso esteio das Monarquias, que arrostando *mares nunca d'antes navegados*, e iguotos e contrarios climas, liga as extremidades da terra, estabelecendo-se nos mais reconditos portos do vasto Oceano, e no centro das mais affastadas e estranhas naçoens, com o que suprimdo as necessidades de todos os povos, e comprando-lhe o seu superfluo, anima as artes e a agricultura; não virá este commercio do Pará, e de Lisboa, estabelecer-se com maior segurança em 40 dias de tranquilla navegação, no seio de huma só importante colonia, fertil, saudavel e rica nos

effeitos, que a Europa consome, e no meio talvez dos seus patricios e parentes? Logo que o justo interesse, que guia a todos os homens, lhe segure com a constante certeza cada anno na Cidade do Pará as encantadoras barras de ouro, que Mato Grosso gostosamente lhe irá entregar? Eu não me persuado do contrario: o giro do commercio he hum canal que, superando huma vez as difficuldades que encontra, adquire nova força, e cada dia se amplia mais e mais.

Com elle podia Villa Bella vir a ser huma escala, por onde se podia levar o commercio até o Cuiabá, este maior consumo augmentará o seu giro e fundos, diminuindo pela mais pronta e maior venda os preços das importantes fazendas, logo que a povoação do salto aplane as difficuldades, que até hoje tem obstado a esta necessaria navegação.

ção da Cidade do Pará  
o Grosso.

em li- recta.	Dist. seg. a navegação.	Total das le- guas de na- vegação.
9	100	100
9	62	162
0	23	185
4	85	270
36		186
9	229	456
1	16	245
3	44	44
4	21	
0	89	
0	33	
7	17	
4	8	
2	37	205
até o Pará.		764

parte de pessima qualidade ; porque huns são Indios originarios do Paiz , Entes de si mesmo ineptos para se felicitarem , ou para fazerem a felicidade dos outros ou seja por natureza e sua constituição fizica , ou por falta de educação , ou por algum capricho particular &c. , outros são provenientes destes com os negros , cuja raça indigna constitue o maior numero della , conhecido com a vil denominação de *Cabras* , outros são nascidos dos mesmos Indios com os Brancos , que faz huma diminuta parte da população , verdadeiros Mamalucos , porque ha outra raça impropriamente assim chamada , proveniente da mistura de todas as outras classes entre si ; a outra classe em fim a mais diminuta he a dos Brancos , oriundos de Portugal ; huns , e outros porque o Paiz lhes he favoravelissimo , por lhes subministrar com liberalidade multiplicados meios de facil subsistencia , na abundancia de raizes ou batatas , e de infinitos frutos silvestres e de immensa Caça , e Pesca , por isso mesmo de ordinario muito preguiçosos , e indolentes , com particularidade os Indios , Cabras , e Mamalucos , que são em extremo vadios , disolutos nos costumes , e cheios dos vicios que pôde produzir no coração humano huma vida livre e licenciosa no centro da mais crassa ignorancia , donde provém nelles a falta de sentimentos , e de virtudes moraes , e outros vicios já pouco estranhados contra todos os direitos da natureza e da Sociedade.

#### § 45. *Distribuição da população.*

He comprehendida esta população em dezoito Villas , cinco de Indios , e treze de não Indios , alem de algumas Povoações ; cada huma he governada por seus respectivos Capitaens Móres , e Juizes Ordinarios , e todos Subordinados ao Governo Geral da Capitania , Residente na Villa da Fortaleza , que he a Capital , e de hum Ouvidor e Corregedor &c.

§ 46. *Costumes em geral dos habitantes.*

Vivem estes habitantes pelo commum da caça, da pesca, e da pequena cultura da sua mandioca, de algum milho, e feijoens, juntamente com o que plantão tambem algodão para se vestirem; e para isto buscão as serras e os lugares alagadiços da beíramar: com tudo a demanda effectiva do Algodão os tem animado a esta plantação, sendo por isso hoje o unico genero de sua commutação: o maior cuidado porém nelles he a criação do gado vacum, objecto, que tem sido em outro tempo mui consideravel, e lucrativo naquella Capitania, pela grande extracção das carnes secas, hoje porém he muito diminuto, porque ha conduzido todo o seu gado vivo para Pernambuco, onde a necessidade, e circumstancias fazem reputar humas vezes bem, outras muito mal.

§ 47. *Seus trabalhos.*

Com esta mania da criação exclusiva do gado vacum, desprezão aquelles Habitantes muitos outros meios de se prosperarem, como seja a criação das ovelhas pelo importante objecto das lans ( que aliás não he ali das mais inferiores ), visto que se cria e se multiplica esta sorte de gado sem custo algum, e de que jámais elles aproveitão hum só vello.

§ 48. *Deve-se proteger a arte pastoril.*

A grande extenção de terreno inculto do sertão, e de que tarde ou nunca se poderá tirar partido pela Agricultura, e no qual pela abundancia de seus excellentes pastos se crião e prosperão facilmente immenso gado, e outros animaes domesticos, parece persuadir o particular cuidado da criação destas duas sortes de gadós vacum, e lanar, assim

como do cavallar, cuja raça pela robustez e valentia, com que são alli dotados, se faz recomendavel: o cuidado deste artigo he tanto mais serio, quanto he nelle que está o maior interesse actual das Rendas Reaes pelo annual embolço do producto dos Dízimos &c.

§ 49. *O mesmo da arte piscatoria.*

O mesmo que digo da arte pastoril penso da piscatoria: por quanto comprehendendo, como comprehende, aquella Capitania huma tão dilatada Costa de mar em muitas lagoas povoadas, como disse, de immensa quantidade, e de raridade de peixes, e tartarugas, parece incontestavel que este artigo não deve menos occupar o segundo lugar dos trabalhos publicos do Paiz, visto que seus habitantes, com especialidade os de beira mar, assás bem inclinados a este exercicio, (particularmente quando as secas, e a necessidade os obriga), acharião nelle relevantes recursos, e o Publico hum meio de os ter sempre occupados; pois que não sendo, para elles todo o tempo apto e conveniente nem para o cultivo das terras, nem necessario para huma effectiva vigia, e guarda dos seus gados, que felizmente vivem dispersos por toda a parte, no tempo da seca ou verão; suffocando-se pelo exercicio da pescaria a sua ordinaria e quasi innata propensão para a ociosidade; por huma parte augmentar-se-hia a massa geral dos livres, e com ella a população, visto que esta sempre está na razão directa da facil subsistencia, e de outra parte pondo-se em movimento outros muitos trabalhos publicos, e facilitando-se o consumo das suas produções, serviria isso não menos de escola e Seminario para a Marinha Nacional; razoes estas igualmente attendiveis até mesmo em contemplação da grande extensão, e situação local do Paiz, para se

prevenir, e remediar talvez as esterilidades, que muitas vezes sobrevem, não tanto pela falta das chuvas, como por huma mal regulada conducta de economia publica e privada, faltando ordinariamente por negligencia, e perguiça o peixe quasi sempre nos povoados mais notaveis.

§ 50. *Aproveitamento das Salinas.*

Com este exercicio da pescaria de certo não se deixaria de sustentar o aproveitamento das multiplicadas, e ricas Salinas, que, como disse, ha por toda aquella Costa do Mar e com ella augmentar-se-hia tambem o seu Commercio. e os interesses da Coroa.

§ 51. *Protecção da Agricultura em geral.*

Não deve ser menos attendido o que diz respeito a Agricultura do Paiz, pois que sem hesitação deve alli merecer o primeiro dos cuidados politicos, huma vez que he constantemente sabido ser a Mãe do Genero Humano, e a origem primaria, e inesgotavel de toda a prosperidade publica, pela dupla vantagem de contribuir mais do que nenhuma outra, tanto ao augmento da população, como a hum vantajoço, e activo Commercio.

§ 52.

A fecundidade das terras elevadas e montanhosas da Capitania proveniente da natureza do seu torrão, de hum continuado orvalho matutino com que se cobrem do estado de huma athmosfera constantemente humida, e carregada de gases, e da maior abundancia de agoas, e vertentes; e não menos a dos térrenos de beira mar alagados e apau-  
lados, e cheios de vertentes, e lagoas quasi peren-

nes, e profundas, como tenho mencionado; e onde por isso mesmo humã vegetação prompta, e activa trabalha com facilidade em quasi todos os entes do Reino Vegetal, effizamente persuade o seu trabalho; promettendo os seus habitantes constantes, e fecundissimos recursos á publica felicidade: na abundancia de todos os generos necessarios, e importantes: donde parece que só este artigo será capaz de conduzir, e de elevar aquella Capitania ao maior auge de humã grandeza real, fazendo até escurecer as vantagens, que lhe podem produzir os outros dois ponderados Artigos.

§ 53. *Introdução da cultura de muitos vegetaes exóticos.*

Quem duvidará pois de quanto pôde ser-lhes interessante, além da plantação do seu algodão, a introdução da cultura de muitos artigos de vegetaes exóticos, como o anil, o caffè, o cacao, o urucú, assim como o da cana de assucar, e do arroz, trabalhos estes ainda muito diminutos alli, porque todos estes generos vegetão felizmente nesta Capitania como se fossem indigenos? O mesmo que digo destes, digo de muitos da India como a canela, o cravo, a nozmoscada, a pimenta &c., visto que algumas destas plantas, que já alli ha, prosperão muito bem, taes são a canelleira, e o gengibre: estes habitantes porém, além do mau cultivo das suas mandiocas, e de alguns legumes, pouquissimas canas, algodão, e arroz, cuja colheita sem duvida já he consideravel, de nada mais fazem conta, na intelligencia de que fóra disto nada he interessante, destruindo e consummindo com os seus mal entendidos roçados annuaes para isso excellentes matas virgens, no que o estado por força ha de vir a ter incalculaveis perjuizos.

## § 54.

A' vista do que, persuado-me não seria desacerto se o Governo tivesse sobre tão importante objecto vistas mais circunspectas, impedindo-se de alguma sorte este pernicioso abuso na destruição continuada das matas virgens, como para que se evide em conservar e melhorar as poucas, que ainda ha perto do mar, e se promovão como he facil novas plantaçoens das mais preciosas arvores perto do mar, o que de certo para o diante daria immenso interesse á Real Fazenda.

§ 55. *Proteção ao commercio.*

Finalmente esta bem sabida maxima — *Non omnis fert omnia tellus* — mostra que jámais paiz algum culto póde deixar de ter multiplicadas necessidades á proporção do seu augmento, e civilização, ainda que elle possua em si superabundancias de generos da primeira e segunda necessidade, e de avultados productos de seus trabalhos civis; porque então suas precisoens se estendem, e se multiplicão á proporção do seu crescimento.

## § 56.

Para satisfazer-se a estas precisoens nascidas humas vezes da mesma natureza do homem, outras de seus dezejões e appetites, outras em fim de certos estimulos, ou necessarios ou superfluos, que o obrigão com tanta força como as necessidades da primeira ordem, então he necessario valer-se dos sobrantes das producçoens dos trabalhos, se os tiver para trocallos pelo que lhe falta: eis-aqui pois a necessidade do commercio, que será tanto maior quanto mais for multiplicado o numero das precisoens; sendo com tudo certo que muitas vezes se

troca o mais necessario , pelo que he menos , ou só he util , e este pelo que he agradável ; mas isto mesmo he commutação , visto que desta sorte se obtem o que mais se precisa.

## § 57.

E de que servirá a aquelles habitantes o sobranche dos coiros dos seus gados, as lãs das suas ovelhas, e as demais sobras do producto da sua cultura, que tiverem, senão buscarem facilitar pelo commercio o seu consumo, na sua prompta troca, a fim de promover o augmento progressivo da sua prosperidade? Todos sabem pois que o commercio he o unico canal, por onde se derrama em hum paiz a abundancia, as riquezas publicas e particulares, as luzes e os mais importantes conhecimentos, e em fim a geral satisfação dos povos, atraindo a si, pela necessaria concurrencia de diversos individuos, tudo quanto he util, e de proveito, para fazer o homem mais civil, polido, docil, pacifico tractavel, e emprehendedor de grandes cousas; no que consistem as delicias das sociedades.

## § 58.

A' vista do que, quem não tem que trocar pelo que lhe falta, não pôde certamente ter commercio algum, e por consequencia jámais será feliz, consumindo a sua existencia como selvagens no centro da miseria e da ignorancia; donde parece que a nossa Capitania do Seará para crescer em população e prosperar-se deve ter em vista augmentar os trabalhos ponderados a fim de que possa ter sobranche de tudo, e delles fazer a sua commutação, por meio ou de hum commercio interior, ou fazendo-os exportar para a Europa; no que não me canço mais em persuadir huma verdade

assás conhecida. Com tudo he necessario que nisso se interesse o Governo daquella Capitania fazendo introduzir, animar, e promover tão importante negocio, ainda mesmo repelindo todos quaesquer obstaculos que encontre; de outra sorte jámais ella será interessante, como pôde ser ao Estado, nem seus habitantes melhores, nem mais felizes.

---

## H I S T O R I A.

*Extracto da Historia da Capitania de Goyaz,  
ordenada pelo Cirurgião Mór José Manoel  
Antunes da Frota.*

**N**ÃO querendo perder noticia alguma deste vastissimo Continente, aproveitamos de qualquer obra, que chega á nossa mão, qualquer conhecimento, que possa hum dia servir á Historia interessantissima deste novo mundo. Evitando porém aquellas difusoes, em que se esprião escritores mediocres, as apresentamos despidas de vãos ornatos e de superfluas reflexoes. Desta maneira conciliamos a utilidade com a brevidade.

Segundo o Author, a Cidade de S. Paulo hé situada na latitude de  $23^{\circ} 5'$ , e na longitude de  $833^{\circ} 50'$ , e sendo pouco consideravel nos seus principios, os seus moradores forão descritos pelos escritores estrangeiros com infames caracteres. A severidade, com que forão tratados os Indios por estes primeiros habitantes os fez tão bravios e çafaros, que dahi proveio a difficuldade, com que tem sido reduzidos alguns poucos, e outros se tem absolutamente esquivado a todo o commercio e civilisação. A prudencia de alguns Generaes tem todaa via dissipado este embaraço. O Excellentissimo D.

Francisco de Souza Coutinho, governando o Grão Pará, conciliou no rio Aragaya o gentio Carajá, que costumava infestar aquelle rio; e acometter aos viandantes, que subião para Minas, ou desciação para o Pará.

Este sabio General havia então principiado a navegação do Rio Aragaya para as minas de Goiaz; e vendo que no rio dos Tocantins residia o feroz gentio Apinagé, o qual andava sempre de curso atravessando a parte do Norte para o Sul do rio Aragaya, insultando os que subião pelo rio Tocantins para o pontal do Norte, como os que navegam pelo Aragaya para a capital de Goiaz; e que chegarão ao arrojo de accometter a Villa de Cameté, meia legoa em distancia d'aquella e huma das villas mais notaveis em exportação e população, que tem a Capitania do Pará, se applicou seriamente a domestica-los.

Para este fim mandou collocar na barra do rio Tocantins hum grande registro com perto de 300 homens, com primeiro e segundo Commandante, Cirurgião, Botica, e Capellão; e ordenou que se tratasse muito bem aquelle gentio Apinagé acariando-os por todos os modos possiveis; roçando e plantando, não só para proverem á sua subsistencia, mas tambem para desafiar os animos daquelles bárbaros, mostrando-lhes a necessidade do trabalho para ser util a si e ao Estado.

Vio o Gentio com pasmo dentro das suas mesmas terras aquelle numero de homens, que lhe não enpecião, antes abundavão de mandiocas, algodão, arroz, e fructos, como bananas, ananazes, &c.; e admirou a superioridade da cultura e dos instrumentos, que a facilitavão. Porque aquelles, de que usava aquelle gentio, em falta de ferro, se reduzem a huma especie de machado ou maço feito de pedra rija, com que vão amassando o pão até que de todo se contande, e cahe. Feita assim

a roça, queimão só as folhas das arvores, deixando os ramos por queimar. Estas importantes lições, e o bom tratamento que receberam os Apinagés, os induzirão a descerem pelo rio Tocantins, e chegando á Capital do Pará pedirão a aquelle prudente General paz e protecção; e receberam as mais vivas demonstraçoens de ternura e gazalhado, segundo as tenues forças daquella Capitania.

O gentio Murá, que infestava todo o rio das Amazonas, tambem se pacificou durante aquelle mesmo governo; passando de atacarem os que navegavão o rio Solimoens a recebe-los risonhos e alegres; e situando suas malocas e choupanas nas margens daquelle rio.

A grande Villa de Santarem, hum das mais populosas do rio Amazonas, abundante em cacão, cravo e sarsaparilha; e a de Villa franca, que lhe fica immediata; erão accomettidas pelo gentio Mondurucú, que nellas fazia grandes estragos. A ferocidade daquelles barbaros, que ouvirão impavidos o estrondo dos tiros sem arredar pé, tinha embaraçado as lavouras daquellas duas Villas; e o mencionado General não podendo pela qualidade do local estabelecer alli hum registro, mandou ao Comandante daquella Villa, que então era o Tenente Coronel Salgado do Registro de Macapá, que juntasse hum grande tropa, e os perseguisse até os seus domicilios sem que empregasse hum só tiro a mata-los, mas sim lhes fizesse ver a força e o poder que tinha. Bastou o terror que infundio hum semelhante armamento, para pedirem paz.

Manoel Correia, homem da plebe, foi o primeiro que no anno de 1719, vendo-se em S. Paulo, sua Patria, opprimido da indigencia, penetrou o sertão em demanda de gentios, que aterrados com o estrondo das armas compravão a vida a preço da liberdade. A ignorancia de Correia não nos deixou hum idéa perfeita da sua jornada; porque

sem embargo de que apparecerão alguns papeis escritos da sua mão, que erão como o seu roteiro, estes estavão tão desarranjados e confusos, que nada se pôde bem conhecer delles.

Sabe-se porém que foi grande a preza que fez daquelles gentios, que vendeu na Cidade de S. Paulo e suas visinhanças, com lucro não pequeno. Quando porém todos esperavão que trouxesse huma grande porção de ouro, appareceu com dez oitavas, que naquelle tempo valia a 1500 reis. Esta pequena porção foi consagrada a N. S. do Pilar da Villa de Sorocaba, na comarca de S. Paulo, do qual ouro unido a maior quantidade se fez huma coroa para a mesma Senhora, a quem com razão se devião offerecer as primeiras descobertas de tão precioso metal. Esta noticia inflammou o animo daquelles habitantes, e indagando de que lugar o havia extrahido, para terem igualmente parte nos lucros, e nos trabalhos, affirmou que o extrahio do Rio dos Araes com hum prato de estanho, e que para hir a este rio, passara outro muito grande. Estas palavras, que são as formaes de Correia, mostram bem o seu talento - pois sem marcar o rio e altura, em que o tirara, se recolheu tão ignorante, como sahio da sua Patria.

Esta foi a primeira noticia que vagou de haver ouro no sertão de Goyaz. Mas antes de passar adiante notarei a credulidade, com que se recebeu hum facto contrariado pela experiencia dos mineiros. Que Manoel Correia tirasse ouro, eu não duvido, pois he farta delle aquella Capitania, mas que mettendo hum prato achasse a quantidade que disse, he mais exageração que realidade, pois vemos todos os dias que este metal se entranha em vezeiros pela terra, e por pedreiras, de sorte que á custa de duros trabalhos e consumição de muito ferro e aço, he feliz o mineiro que no fim da Semana recolhe huma oitava pelo jornal de cada cravo.

Nas memórias deste homem se encontram incoherências, que devo declarar para desabuso de muitos, que julgam as minas melhores do que são, cuja fama de riqueza he exagerada nos paizes remotos, como a Ophir de Salomão sendo aliás tanto pelo contrario, que os agricultores das abas do Geréz e da Serra de Marão não vivem oprimidos de tantas misérias, como muitos naquelle Continente das minas.

Quem se capacitará que os Indios lhe mostrão e derão folhetas de ouro, se elles ignorão o seu uso, o seu prestimo, a sua utilidade? A perguiça nelles he habitual, e para a extracção deste metal não só se necessita de trabalho, industria e arte, mas ainda de instrumentos, de que nunca tiveram o menor conhecimento.

Governava neste tempo a Cidade de S. Paulo, Rodrigo Cezar de Menezes, da Casa de Sabugozza; e como no animo deste fidalgo havia aquella nobreza, que lhe havião dado o berço e a educação, pôz todo o cuidado em augmentar os domínios da Coroa Portugueza, debilitada pelo jugo de 60. annos, e dilatando a vista por todos os que serião capazes de tentar as novas descobertas por impenetraveis sertoes, convocou á sua presença os moradores mais dignos, e que estavão em melhor estado de tentar huma jornada, que sem dispendio da Real Fazenda fosse proveitosa á nossa coroa, e fallando nesta materia lhes disse assim:

„ Senhores. — Vós sois Portuguezes, em quem  
 „ não está manchada a pureza daquelle generoso  
 „ sangue, que corre pelas nossas veias; não ten-  
 „ des o animo abatido de algumas guerras, em  
 „ que não ficasseis vencedores; a que tendes de  
 „ fazer he com gentios barbaros e sem disciplina  
 „ militar, que facilmente vos cederão o campo de  
 „ batalha ao primeiro estrondo das vossas armas,  
 „ que disparadas sem ballas assustem mais que

„ damnifiquem. A caridade deve ser toda a vossa  
 „ lei na conquista destes homens, e supposto sejão  
 „ vastos os Sertoens, que tendes de penetrar, com-  
 „ tudo a fama não se adquire sem grande traba-  
 „ lho; o serviço que fazeis he duas vezes recom-  
 „ mendavel, huma porque reduzireis ao rebanho  
 „ do Senhor tantas almas desviadas do caminho de  
 „ Jesu Christo; outra porque fareis ao nosso So-  
 „ berano hum serviço, que será todo do seu agra-  
 „ do; que eu da sua parte vos prometto a recom-  
 „ pensa dos vossos trabalhos e os agradecimentos  
 „ do mesmo Senhor; augmentareis a vossa gloria,  
 „ augmentando o numero de vassallos á Coroa de  
 „ Portugal, e os seus futuros netos serão outros  
 „ tantos padroens, que perpetuem de geração em  
 „ geração a fama dos vossos nomes, que serão res-  
 „ peitados dos nossos com pasmo e dos estranhos  
 „ com inveja. „

Dito isto, Bartholomeu Bueno, ou por mais intrepido, ou por menos experto, nas difficuldades da jornada, se offereceu a si, e ao seu cabedal para a nova descoberta que era tanto mais difficil, quanto menos entendia de Geographia para demarcação de tão dilatadas terras. Chegado o dia da sua partida, e feitos os obsequios, que a urbanidade inventou, despedio-se do Governador em 1721, e dos mais amigos, que sobre a sua ida fizeram diversos juizos; huns accusando a sua temeridade, por se expor a huns barbaros, que ignoravão os minimos estímulos da piedade; outros invejando as futuras felicidades, que a esperança promettia, e universalmente se discursava, segundo a opinião de cada hum.

Como as descobertas já passavão por mofa, levou Bartholomeu Bueno na sua companhia hum seu filho do mesmo nome, de 12 annos de idade, como se este fosse o patrimonio, que lhe deixava; e caminhando sem rumo por descarnados sertoes,

chegarão depois de longas e perigosas marchas ao lugar hoje denominado o arraial do Ferreiro, onde se demorarão; ou fatigados de tão prolixa jornada, ou desmaiados da empresa, em que se metterão.

Trazia Bartholomeu Bueno mais de seis mezes de viagem, perigosa na realidade pelo temor do gentio Caiapó, e temivel pelas feras, de que ainda hoje abunda este caminho de S. Paulo, apesar da frequencia dos viajeiros; e como já pela estrada de Minas Geraes, e pelos rios caudalosos, donde se fazia a navegação para as minas de Cuiabá, intentou Bartholomeu Bueno descobrir por Goyaz huma nova estrada mais facil e direita, que em menos tempo se transitasse para este novo Continente, de que não fallamos por ser nosso intento descrever sómente o de Goyaz.

Faltava-lhe porém mantimento e dinheiro para poder progredir. A esperanza era nenhuma, pois os sertoes impossibilitavão as conduçoens, que se poderiam enviar de S. Paulo, e ainda quando se podessem fazer, ignorava-se o rumo, porque viajavão, e o sitio em que se tinham estabelecido; o que tudo fez desmaiar a Bartholomeu Bueno contentando-se com a descoberta de Goiaz, e não passando do lugar, de que acima fallámos, que denominarão o Ferreiro, por hum escravo, que Bueno trouxe deste officio, que por ordem delle armou alli a sua tenda para fabricar enxadas e outros utensis, de que havia não pequena necessidade.

Erão todas estas brenhas habitadas de gentios chamados Goyaz, donde tomou esta Capitania o nome: com elles tratou Bueno, falto de boa fé. Com capciosas apparencias alliciou os primeiros para melhor captivar os outros, e com fé Carthagineza se apossou do que pode, e conduzio encorrentados para S. Paulo a estes miseraveis, que não têm outro delicto mais que nascerem nestes climas. **Muitos foram vendidos como escravos, outros ficaram**

no seu serviço , experimentando as durezas do seu cativoiro.

Entrou Bueno por sua patria , levando apoz si tantos Indios , quantos serão bastantes para a povoação de huma villa mediana : os clamores dos vivas soavão pelas casas e pelas ruas , huns por paixão , outros por interesse , e como se estes ecos não coubessem nos recintos da Cidade , forão-se dilatando pelos campos , donde concorrerão os lavradores , que a troço de mantimentos achavão escravos para o seu serviço , á proporção das lisonjas que espalhavão.

Bem observava o Governador , como bom politico , a injustiça de taes procedimentos : mas conhecendo o animo dos povos que governava , e attenta a severidade com que justamente devia suffocar estas acçoens , ou tolerou , ou affectou de não conhece-los reservando a seus successores cohibir aquelles excessos iniquos.

O Excellentissimo José de Almeida , Barão de Mossamedes e depois Visconde da Lapa , que governou a Capitania de Goyaz , foi o primeiro que deu acertadas providencias para cathequizar n'aquella Capitania o Gentio Caiapó , de que abunda o seu Continente do Sul. Este gentio não he do mais feroz , mas he de muito corso , mais perguçoso que os outros ; não fazem roças , antes vagando aqui e alli roubão aos moradores as suas , e matão-lhes os gados. Este prudente General formou huma aldeia delles , a que deu o nome de S. José de Mossamedes , distante da Capital quatro leguas , por detraz de huma serra dourada ; esta he abundante de ouro em pedra e em pó , e de muito boa conta , porém como he muito eminente , não tem agoa em cima para lavar o ouro , e fazer os seus desmontes ; tem pedra jaspe , e abunda de arvores de papel verdadeiro. Nesta aldeia conseguiu este General ter o numero de 800 a 900 arcas

entende-se por cada arco hum gentio, além de muitas mulheres e crianças.

O Visconde da Lapa sujeitou o gentio Caiapó com toda a docilidade, não praticando força alguma de coacção, mas brindando-os, e agradando-os muito com differentes dadivas, já de machados, foices, facas, e outros utensis já cobrindo a sua nudez e a suas mulheres e filhos, e os foi pondo nesta aldeia, ensinando-os a roçar e plantar, e ainda que este gentio, como já disse, he o mais perguiçoso, com tudo não consentia o General que fossem violentados, até que se forão domesticando e gostando do mesmo a que a sua inacção os tornava repugantes.

Foi rende-lo o Excellentissimo Luiz da Cunha e Menezes; ao qual succedeu seu irmão Tristão da Cunha e Menezes. Este General olhou para esta qualidade de gente com commiseração, e procurou ter os povos em quietação, formando huma nova aldeia delles, no lugar chamado o Carretão; e a tempo que naquella Capitania já então se hja sentindo grande decadencia nas fabricas, tanto de ouro, como de engenhos. Este foi rendido pelo Excellentissimo D. João Manoel de Menezes. Este General tinha boas intençoens e dezejava acertar; porém infelizmente não sabia fazer escolha dos homens, e dava quvidos a muitos que o illudião; e como neste tempo existia nesta Capitania seu antecessor, a intriga se dividio em dois partidos, hum por parte do General existente, outro do precedente.

Os resultados desta perniciosa intriga forão mandar o Governador a Camara para fazer sahir d'aquella Capital o seu antecessor; e depois de algum tempo ser pela mesma Camara prezo o inesimo General, sem para isto preceder ordem positiva de S. A. R.

Este General quiz dar algumas providencias aos

insultos, que fazia o Gentio Caiapó no Continente do Sul, porém foi illudido pelo Major.

Este Major foi authorisado por huma Portaria do Excellentissimo D. João como Inspector Geral e Reformador das Aldeias dos Indios e Conquistador do Gentio Caiapó. Este falto de luzes e de pratica, enthusiasmado de hum poder absoluto, entrou a fazer a guerra ao gentio Caiapó, e a maltrata-lo de tal sorte que entrava pela Cidade cheio de ufania, trazendo os desgraçados gentios, huns prezos com grossas cadeias, outros ligados com as mãos para traz: alguns ainda feridos de tiros. Erão mandados estes infelizes huns para a Aldeia do Carretão, outros para a de S. José de Mossamedes, e em menos de dois mezes tudo desaparecia, e sentião os habitantes d'aquelle Continente tanto ou maiores roubos e vexames do Gentio, do que sofrião antes d'aquelle procedimento.

Parece-me não ter faltado á verdade, nesta minha narração sincera e desalenhada, como pro-mette a minha ignorancia. &c.

## P O L I T I C A .

*Papel que se offereceo ao Serenissimo Rey o Senhor D. João IV, em que se mostra ser conveniente para os augmentos do Reino conservar-se nelle a Gente da Nação. Pelo Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus.*

## S E N H O R .

**A**inda que a particular Providencia, com que Deos tem assistido á restauração, e conservação, de Portugal, e a boa fortuna de V. M., verdadeiramente grande, como em tão diversos casos se tem experimentado, nos estão prometendo a continuação de felicissimos successos, e parece, que estão segurando-nos a perpetuação do Reino; com tudo como todas as coisas humanas estão sujeitas á inconstancia dos tempos, e nenhuma mais que as Monarchias, aquellas principalmente, que tendo inimigos visinhos, e poderosos, por estarem em seus principios, não tem ainda lançado firmes raizes; o amor da Patria, o zelo do Reino, o desejo de que a Coroa de Portugal se perpetue sem fim na gloriosa Descendencia de V. M., e a mesma Providencia Divina, que sempre quer ser ajudada da diligencia, e industria humana, obrigação a hum muito leal, e muito obrigado Vassallo de V. M. a que, prostrado aos seus Reaes pés, represente a V. M. neste papel os perigos, que se podem temer neste Reino, e os meios eficazes, com que se lhe deve acudir e procurar os seguros da sua Conservação.

O Reino de Portugal, Senhor, não melhorando do estado em que presentemente o vemos, pôde-se duvidar da sua Conservação; porque, ou a consideremos fundada no poder proprio, ou no alheio, hum, e outro estão não prometendo aquella

firmeza, que he necessaria. O poder alheio, em que se funda a conservação de Portugal, he a diversão, que fazem a Castella as armas de França, e ainda que emquanto esta durar, parece, que estamos seguros, como até agora, por muitos, e mais eficazes razoens se deve considerar pouco duravel. Os successos da guerra são muito varios; e como as armas da França estão hoje victoriosas, o podem estar á manhã as de Castella, principalmente quando os danos da guerra, e a experiencia do Imperio Francez (nunca bem sofrido de nenhuma Nação) vão já desafeiçoando os animos dos Castelhanos, e em muitos se conhece arrependimento.

A Nação Franceza naturalmente he inconstante, inquieta, amiga de novidades, facil de corromper com dinheiro, e se tantas vezes em nossos dias vimos rebelado o Duque de Orleans contra seu Irmão, hum Rey tão bellicoso, como se não receará que o mesmo Duque, ou outro Conde de Soissons, se atrevão contra hum Rey menino de seis annos, e que aspirem quando menos a perturbar a paz, que já não defendeo o respeito de hum tão grande Rey, nem a assistencia de hum tão prudente Privado, principalmente, que não se descurarão as intelligencias de Castella de sollicitar, e comprar estas inquietações de França, quando dellas depende o seu remedio, nem os Hereges Francezes duvidarão de as aceitar para melhorarem o seu partido.

Tambem não póde durar muito esta guerra, porque as rendas reaes da França, não são bastantes a sustentar tamanho numero de Exercitos, e Armadas: todos estes gastos carregão sobre os povos, que se vem molestados de gravissimos tributos, e os clamores de toda a França estão pedindo pazes; não se remediando esta impossibilidade com as victorias, que suas armas alcançãõ; por-

que estas não lhe acrescentão riquezas, antes as diminuem, multiplicando novos empenhos, como se vê na assistencia de Catalunha, e nas outras Praças, que este anno tem occupado em Italia, e Allemanha; pelo que nunca França esteve mais perto que hoje de fazer pazcs com Castella, e com outros Principes de Europa, e a este fim se encaminhão tantos exercitos levantados este anno, e tanto numero de navios nos portos do Oceano, e Mediterraneo, pertendendo com esta superioridade serem os arbitros da Dieta, e ficarem nos concertos com avantajados partidos, sendo sem duvida que Castella acceitará todos os que lhe fizerem, pois delles depende sua quietação, como bem o mostrão as diligencias publicas, e secretas, com que sollicitão os meios desta paz.

E ainda que nas pazes, ou cumpridas tregoes (se se effectuarem), entre tambem o Reino de Portugal, he certo, que nos não durará mais o effeito dellas, que em quanto os Castelhanos prevenirem suas armas para as voltar sobre nós, sem por isso os Francezes, nem outro algum Principe romper guerra com Castella, por mais que o tenham prometido, e jurado, porque nenhum segue mais leys, que as da conveniencia propria, e imaginar o contrario he querer mudar o mundo, negar a experiencia, e esperar impossiveis: antes se deve recear politicamente, que folgarão os Francezes de ver (o que nunca verão) entregado Portugal a huma desesperação, como a de Catalunha, para trocarem o nome de amigos no de Protectores, como já se pratica entre elles: para isso desenterrão Historias, fundão direitos, e acomodão ethimologias, e não seria muito; que á ambição Franceza se lhe antolhasse Portugal pela vizinhança, quando em vida do seu Cardeal tratavão da nossa Ilha de S. Lourenço, e outros lugares das Conquistas, como V. M. foi avisado.

Por todas estas razões se conclue, que a diversão, com que França suspende as armas de Castella, quando menos he duvidosa, e pouco firme, e ainda que hajão outras razões ( que não podem ser forçosas ) pela parte contraria, poderão os Francezes entende-las de outra maneira, e a conservação, que se funda no parecer no poder, e na vontade alheia, bem se vê quão fraca he, e quão má fundada: isto quanto ao poder estranho.

O poder proprio, em que se funda a conservação de Portugal, ou são as forças interiores do Reino, ou as exteriores das Conquistas, e nenhuma por si, nem ambas juntas são bastantes a o conservar naturalmente em caso que tenhamos guerra com Castella, de que se não ha de duvidar.

Posto que o poder militar conste de gente, armas, muniçoens, bastimentos, tudo isto se reduz a dinheiro, e he certo, que perseverando as coizas de Portugal no estado presente, nunca o Reino poderá soccorrer á V. M. com maiores sommas de dinheiro do que o fez este anno; porque alem dos direitos das décimas, e mais tributos, accrescerão donativos, confiscaçoens, cunho da moeda, e outros augmentos de fazenda, que se não podem esperar cada anno, e dispendendo-se isto em proveito do Reino, e estreitando V. M. com exemplo, verdadeiramente de Pai da Patria, os gastos da sua Real Pessoa, e Casa; vemos com tudo que as Fronteiras, e Cidades principaes estão sem fortificaçoens as portas abertas, a Costa, e lugares marítimos desprovidos, o Rio de Lisboa quasi sem Armada, o Alentejo com pouca cavallaria, e as outras Praças sem nenhuma; não bastando a providencia de V. M., nem o cuidado dos Ministros a suprir com a industria os effeitos, a que não chega o cabedal; porque sendo precisamente necessarios dois milhoens, e duzentos mil cruzados para as lotaçoens das Praças, e mais adherentes forças

...sos para nossa defesa, não tem V. M. na contribuição das Decimas, e mais effectos deputados para a guerra, hum milhão, e seiscentos mil cruzados.

Pois, Senhor, se o dinheiro de tres annos não foi bastante a fazer as prevençoens necessarias para a defesa, que thesouros tem Portugal para se soccorrer em hum subito, quando seja acomettido? Se todas as rendas, e tributos, sendo os maiores, que pôde levar o Reino, apenas bastão para sustentar hum poderoso Exercito, para resistir ás forças de Castella, e com que se ha de fazer este Exercito em caso que se rompa, ou diminua? Se a pouca opposição, que hoje nos faz o inimigo, nos consome todo o cabedal, e ainda são necessarios emprestimos, que seria se arrimasse a Portugal todo o seu poder, que tem divertido em Catalunha, e que será quando o faça?

Esta razão, Senhor, he evidente, e ainda mais a força della, considerar que o dinheiro, com que o Reino serve, e assiste á V. M., não só não pôde crescer, mas antes, procedendo da mesma maneira, cada vez será muito menos, porque as confiscaçoens, e cunho da moeda forão accidentes, que não se podem repetir, as rendas e comendas estão empenhadas para muitos annos; os juros, as tenças, e os salarios não se pagão; com o levantamento da moeda cresce o preço ás mercadorias, e os Estrangeiros trazem prata em vez de drogas, com que quebrão muito os direitos das Alfandegas. As terras das Fronteiras infestadas do inimigo deixão de se cultivar por muitas leguas, as lavouras, e artes, levando-lhes os Officiaes para a guerra, diminuem, e o que tudo vai consumindo, e atenuando as forças do Reino a passos tão largos que em poucos tempos não poderão os homens manter as vidas, e quanto mais pagar tributos, e sustentar as despesas da guerra.

As Conquistas, que são a outra parte do nos-

so poder, estão reduzidas a tal estado; que nada melhorão esta esperança. De tres annos a esta parte tem V. M. mandado á India huma Náo, e nove Galeoens, e em retorno de todo este cabedal, temos visto tres caravellas da India, servindo-nos aquella conquista pela gente, navios, e dinheiro, que nos tira, de muito maior estorvo, e gasto, que proveito, e com pouca probabilidade se pôde esperar melhoria a este damno, porque a pouca fé, e falsa amizade, com que os Holandezes nos tratão, bem mostra, que debaixo do nome de paz, nos querem fazer na India a mesma guerra, que nos fizeram em Angola, Maranhão, e S. Thomé, entretenendo-nos com fingidas promessas de restituçoens, e embaixadas, para mais nos divertirem, e senho-rearem de todo.

O Brasil, que he só o que sustenta o Commercio, e Alfandegas, e chama aos nossos Portos esses poucos navios de estrangeiros, que nellés vemos, com a desunião do Rio da Prata não tem dinheiro, e com a falta de Angola, cedo não terá assucar, porque já este anno se não recolheo mais que meia safra, e nos seguintes será forçosamente cada vez menos, porque a falta de negros de Angola não se pôde suprir com escravos de outra parte, por serem incapazes de aturar o trabalho dos canaviaes e engenhos como a experiencia mostra, nem o soccorro que vai a Angola, suposto o poder, e resolução, com que os Hollandezes a tomarão, promete mais effeitos, que mostrar V. M. a seus Vassallos o zelo, e dezejo que tem de os ajudar e soccorrer por todas as vias.

Este he o pouco cabedal, com que se acha Portugal no estado presente da paz, o qual no tempo da guerra forçosamente será menos, porque com as entradas, e temor dos inimigos impedem-se as lavouras, suspendem-se os commercios, cessão as artes, cresce a gente nos lugares, seguem-se fo-

mes, carestias, e outras consequencias naturaes da guerra, com que serão mui difficultosos, e quasi impossiveis de pagar os tributos; e quando o zelo dos vassallos acuda com tudo o que possuir. e a necessidade ultima obrigasse a tirar a prata por todas as Igrejas, este soccorro, quando muito será bastante para o primeiro, ou segundo anno, e a guerra de Portugal não pôde deixar de durar muitos; pois pelejamos dentro em Hespanha com o mesmo inimigo, que tão longe della faz guerra aos Hollandezes, ha mais de settenta annos.

De todo este discurso se colhe com evidencia, que a conservação do Reino de Portugal (em quanto se lhe não busca outro remedio) pôde parecer duvidosa, e assim assentão todos os Politicos do mundo, que pezão fielmente as forças das Monarquias, e medem os sucessos pelo poder e de o sentirem assim nasce a pouca correspondencia, que os Principes de Europa hão tido com este Reino.

O Papa não recebendo nosso Embaixador: Dinamarca não admittindo Confederação: Suecia não continuando o Commercio: Hollanda não guardando amisade, e ainda a França, que he a mais obrigada não nos mandando Embaixador assistente, sendo cousa muito digna de reparo, e sentimento, que se não veja em Lisboa huma Embaixada de algum Principe da Europa, quando tem sahido desta Corte doze Embaixadores, e actualmente estão hoje sete em diversas partes, o que tudo he evidente demonstração do menos conceito, que os Principes fazem do nosso poder, e da pouca probabilidade, com que discursão sobre nossa conservação.

Esta mesma desconfiança tem todos os homens de negocio. cujos juizos fundados no proprio interesse, são sempre os mais seguros, e como de homens tão intelligentes do mundo, não são os menos acertados; e vemos que os mercadores estrangeiros receão metter suas fazendas nos portos de

Portugal, e os Mercadores Portuguezes passão seus cabedaes ( e alguns as pessoas ) a outras Praças, porque assim huns, como outros, não tem por segura sua fazenda neste Reino.

Este he, Senhor, o estado da nossa conservação, e esta a verdade de seu perigo, a qual V. M. deve ouvir, aceitar, e considerar, não como dita por hum vassallo particular; mas como representada a V. M. pelo zelo dos mais feis, e intelligentes, e pela voz e receio commum de todo o Reino, que assim o discursa, e pratica, e pela opinião geral de todas as Naçoens Estrangeiras, e desinteressadas, que enquanto não melhoramos os fundamentos de nossa Conservação, nos profetizão ruina.

Não considere V. M. estas razoens, como nascidas do temor desaffeição, ou outro algum affecto menos nobre, e menos Portuguez, porque os que mais amão a V. M., os que mais adorão a conservação, e perpetuidade desta Coroa, os que não tem dependencia, nem pôdem ter esperanças em Castella, e os que hão de dar a vida, e o sangue por V. M., são os que isto entendem, e dizem, e só o callão aquelles, a quem ou a neutralidade emudece, ou cega a ambição, e lisonja.

Assim que Rei e Senhor, V. M. tenha por suspeitosas as razoens apparentes, com que se persuadir a V. M. o contrario, porque são conselhos nascidos da pouca fé, ou de pouca intelligencia, e sendo a materia, que a V. M. se representa de tanta evidencia, e importancia, deve V. M., logo sem nenhuma dilação, mandar tratar de seu remedio, para o que se propoem a V. M. o mais effizaz, e effectivo, que he o seguinte.

Supposto, como se tem mostrado, que o perigo da conservação de Portugal se funda todo na limitação do nosso poder, e maioria do inimigo, bem claro fica, que se se achasse hum meio, que

diminuisse o poder de nossos inimigos, e acrescentasse juntamente o nosso, este seria o mais efficaz remedio para effectuar a segurança da nossa conservação. Tal he, Senhor o que á V. M. se representa neste papel.

Por todos os Reinos, e Provincias de Europa está espalhado grande numero de Mercadores Portuguezes, homens de gravissimos cabedaes, que trazem em suas mãos a maior parte do Commercio, e riquezas do mundo: todos estes pelo amor, que tem a Portugal, como Patria sua, e a V. M., como a seu Rei natural, estão dezejosos de poderem tornar para este Reino, e servirem a V. M. com suas fazendas, como fazem aos Reis estranhos. Se V. M. for servido de os favorecer, e chamar, alentando o Commercio, como Rei que se intitula delle setá Lisboa o maior Imperio do mundo, crescerá brevissimamente em todo o Reino a grande opulencia, e seguir-se-hão infinitas commodidades a Portugal juntas com a primeira, e principal de todas, que he a sua conservação.

Porque primeiramente diminuir-se-ha a potencia de nossos dois inimigos, Hollandezes e Castelhanos, porque os homens de negocio Portuguezes são os que em Madrid, Sevilha, e Anvers assistem aos assentos da fazenda Real, tomando e respondendo sobre seu credito muitos milhoens, em quanto não chegão as Frotas, com que ainda na maior necessidade podem os Reis, que se servem delles, sustentar o pezo das guerras, e as despezas excessivas de grandes Exercitos, o que sem a assistencia destes homens lhes seria mui difficultoso, e quasi impossivel. Os Hollandezes da mesma maneira ficavão mui diminuidos no poder de suas Companhias, com que nos tem tomado quasi toda a India, Africa, e Brazil, porque ainda que os Mercadores Portuguezes não são as Pessoas immediatas da bolsa, com tudo entrão nas mesmas Compa-

nhas com grandes sommas de dinheiro, que dividido a Portugal, não só lhe fará grande falta, senão também grande guerra.

E não só virão para este Reino os Mercadores de Hollanda, e Castella, senão os de Flandres, França, Italia, Alemanha, Veneza, Indias Occidentaes, e outros muitos, com que o Reino se fará poderosissimo, e sua conservação ficará mais facilitada. Crescerão os direitos das Alfandegas de maneira que elles bastem a sustentar os gastos da guerra sem tributos, nem opressão dos povos, com que cessarão clamores, e descontentamentos; poder-se-ha pagar os juros, as tenças, os sallarios, a que as rendas Reaes hoje não chegão, e terão os vassallos com que poder hir servir pois a impossibilidade retira a muitos da Campanha. Crescendo o Commercio, abaterá o pezo das Mercadorias estrangeiras; subirão a mais valor as drogas do Reino e de nossas Conquistas: creseerá gente, que he huma grande parte do poder: estará o Reino provido, e abundante de bastimentos. Os homens de negocio deste Reino que com a desconfiança de pouco favorecidos; se diz, que são pouco confidentes, e que prejudicão ao Reino com as cisas, e diversoens de dinheiro, ficarão por este meio assegurados, e restituídos á maior confidencia. Razão porque quando não houverão tantas, era esta de muito pezo pelo muito numero, e importancia destes homens; e não só se semeará a fidelidade delles, senão a de muitos Christãos velhos, que por julgarem pouco provavel a conservação de Portugal, ainda tem o animo em Castella, e he certo, que quanto o Reino crescer em poder, tanto mais firmes raizes lançará a fidelidade ainda dos mais zelosos Portuguezes.

Terá V. M. grande numero de poderosos Navios de seus vassallos sem os comprar, nem alugar aos estranhos, ou os conservar proprios, quan-

do queira fazer Armadas, ou mandar socorros às Conquistas; engrossarão as Frotas do Brasil, restaurar-se-ha o Commercio da India, se os Holandezes quizerem vir em alguma conveniencia sobre as Praças, que nos tem occupado.

Terá V. M. Vassallos, que possam emprestar quantidade de dinheiro, e esperár as consignaçoens, com que se resgatem. E quando os Hollandezes (como he certo) continuem na falsa paz, com que se vão senhoreando das nossas Conquistas, terá V. M. quem levante Companhias contra as suas, e poderá romper a tregoa e aceitar a boa vontade do Conde de Nassau, e effectuar outros tantos tractos com os Capitães de suas fortalezas, mais facéis de vender pelo interesse, que pelas armas, e só desta maneira se póde restituir a India Angola, e o Brasil: ajudar-se-ha tambem V. M. das intelligencias, e industrias destes homens, porque não só por sua industria se poderão trazer das Naçoens Estrangeiras por mui accomodados preços as coisas necessarias para a guerra, mas tambem por suas intelligencias segretas se poderá saber os designios, e grangear as noticias dos Reinos estranhos, sem os quaes se não póde bem governar o proprio.

Finalmente estes homens hão de metter neste Reino grande numero de milhoens dos quaes se póde V. M. socorrer em hum caso de necessidade, e sem oppressão do Reino, nem ainda dos mesmos Mercadores, porque fitando-se os homens de negocio que havia em Lisboa, para hum donativo, com que servião a ElRei D. Sebastião, achou-se pela finta da fazenda dos que havia nesta Praça subir a cincoenta milhoens, não chegando a dois o que hoje ha em todos os homens de negocio de Lisboa, e como toda esta fazenda está sempre entrando, e sahindo, he coisa averiguada, que em cada tres annos pagão os Mercadores de direitos,

quanto manejaõ de cabedal , e a este respeito se deixa bem ver quanto crescerão as rendas de V. M. admittindo os homens de negocio , que nunca forão tão ricos , e tão poderosos , como hoje estão no mundo.

Em fim , Senhor , Portugal não se pôde conservar , sem muito dinheiro ; para este dinheiro , não ha meio mais efficaç que o Commercio , e para o Commercio não ha outros homens de cabedal , e industria mais que os da Nação. Admittindo-os V. M. poderá sustentar a guerra contra Castella , ainda que dure muitos annos , como vemos no exemplo dos Hollandezes , que fundando a sua conservação na mercancia , não só tem cabedal para resistir , como hão resistido , a todo o poder de Hespanha , mas para senhorear os mares , e conquistar Provincias em todas as partes do mundo.

Por falta do Commercio se reduzio a opulencia e grandeza de Portugal ao miseravel estado , em que V. M. o achou , e a restauração do Commercio he o mais certo caminho de V. M. o restituir ao antigo , e ainda mais feliz estado. E se o Castelhana para reduzir Portugal a provincia , e lhe quebrantar as forças , tomou por arbitrio retirar-lhe os Mercadores , e chamar para as Praças de Castella os homens de negocio ; chame-os V. M. , e restitua-os outra vez a Portugal , que não pôde ser boa razão de Estado para nossa conservação , e restauração continuar e ajudar os mesmos meios , que nossos inimigos tomarão para nossa ruina.

E porque duas são as causas , que desnaturalizavão deste Reino aos homens de negocio , ou culpas de que estão acusados nas Inquisiçoens , ou receio do estilo , com que as causas da fé se tratão neste Reino , para que com segurança se possam tornar á elle , V. M. lhes deve dar sua Real palavra de admittir o perdão , que elles alcançarem do Papa acerca do passado , e para o futuro mo-

deração de estilo , que Sua Santidade julgar ser mais conveniente se guarde nas Inquições deste Reino , como se tem feito em todas as da Christandade , onde ha Inquições.

Mas porque haverão alguns , que com mais piedade , que bem fundado zelo cuidarão que com esta permissão se encontra a pureza de nossa Santa Fé , e que no effeito , ou quando menos na apparencia , ficará parecendo Portugal menos Catholico , admittindo homens , ou que publicamente forão condemnados , ou que por fugirem do Reino se fizerão suspeitosos de Heresia , a este escrupulo se responde por muitas , e mui concludentes razões , com que mais se persuade as conveniencias desta proposta.

Primeiramente favorecer os homens da Nação , e admitti-los neste Reino na fórma em que se representa não he contra lei alguma Divina , nem humana antes he mui conforme aos sagrados Canones , doutrina dos Padres , e resoluções de muitos Concilios geraes , e particulares , que não se poem aqui por não embaraçar este discurso , e se allegarão , sendo necessario.

He tambem conforme á sentença commum de todos os Theologos , os quaes ensinão , que para defensão , e conservação do Reino , podem os Principes confederar-se , chamar , e unir a si qualquer genero de Infeis , e se alguns Doutores limitão esta conclusão , he só em caso , que os taes Infeis fossem tão barbaros , e insolentes , que houvessem de destruir os Templos , profanar os Altares , affrontar os Sacerdotes , e Virgens consagradas á Deos , o que se não teme que fação os Mercadores da Nação , antes he certo que enriquecerão e augmentarão o Culto Divino , como sempre fizerão , e fazem neste Reino.

Confirma-se o mesmo com o exemplo das historias sagradas , em que os Principes , e Varoens mais

Amigos de Deos se unirão muitas vezes com os Infieis, e Idolatras para fazerem guerra a seus inimigos, ou se conservarem na paz, aprovando estas acçoens o Espirito Santo antes das mesmas Escripturas; e assim temos que Abraham se confederou com Abimelech, David com ElRei Achis, e os Machabeos com os Romanos, que são exemplos forcosissimos, e de authoridade irrefragavel.\*

Tambem se funda esta verdade na doutrina do Evangelho, onde Christo Senhor nosso fallando em proprios termos, aconselha que se deve dissimular a zizania por sustentar as raizes do trigo, entendendo por zizania os Infieis, e por trigo os Catholicos, como affirmão os Doutores, e no mesmo lugar reprehendeo o Senhor o falso, e mal entendido zelo dos que com perigo da conservação do trigo querião arrancar a zizania, e mandou que a deixasse estar, e crescer juntos na mesma seara.

Isto mesmo júlgão, aprovão, e aconselhão universalmente todas as Naçoens do mundo Catholicas, e Politicas e o sentem assim os mesmos Portuguezes, tirando alguns poucos, que levados mais da apreheensão geral que de fundamentos solidos, e verdadeiros, o contradizem, sendo os que isto aprovão, e dezejão as pessoas mais qualificadas do Reino em limpeza de geração, letras, virtude, religião, intelligencia, experiencia de governo, e as mais zelosas da propagação da Fé, augmento, e conservação da Coroa, e honra da Nação Portugueza.

E quando nada disto houvera, bastava o exemplo, e consentimento universal de todos os Principes da Christãdade, que assim o fazem; porque não podemos negar aos Reis Catholicos de Castella serem muito zelosos da Religião Christã, e sabemos que admittem, e favorecem os homens da Nação, e que os chamão, e convidão para os seus Reinos, como fizerão estes annos proximos á tan-

tas mil casas de Mercadores Portuguezes, a quem entregavão os assentos, e contrataçoens reaes por experimentarem nelles mais fidelidade, e menos interesse, que nos Genovezes. Os Reis de França, no nome, e nas obras Christianissimos, e particularmente em nossos dias Luiz XIII o Justo, e tão grande deffensor, e propagador da Fé, que por estender a religião Catholica quasi destruiu seu Reino, arrazando tantas cidades de Hereges; tão longe esteve de despedir da França os Mercadores da Nação que no mesmo tempo lhes estava fazendo grandes favores se servia muito delles, e se ajudava de suas fazendas para sustentar os Exercitos, e Armadas nas emprezas, em que Deos o prosperou tanto, e no mesmo favor continua a Rainha Regente, e novo Rei de França. O Imperador, e Republica de Veneza, o Duque de Florença, e todos os Pontentados Catholicos guardão o mesmo estilo com a gente da Nação. E finalmente o summo Pontifice Vigario de Christo, verdadeiramente regra da Fé, não só admittite aos que nós chamamos Christãos novos (entre os quaes, e os velhos nenhuma differença se faz em toda a Italia), senão que dentro na mesma Roma, e em outras Cidades, consente Sinagogas publicas de Judeos, que professão a Ley de Moisés.

Pois se na cabeça da Igreja se consentem homens, que professão publicamente o Judaismo; porque não admittirá Portugal homens Christãos, e baptizados, de que só pôde haver suspeita de que o não serão verdadeiros? E se os Principes Catholicos admittem, e favorecem os Mercadores Portuguezes por suas razoens, e conveniências; como pôde ser conveniencia, e razão, que nós os lancemos do nosso Reino? Isto he querermos ser demasiadamente justos contra o que aconselha o Espirito Santo = *vult esse nimis justus* = e por seguirmos a virtude, virmos a dar nos extremos, em que a

mesma virtude se perde. Se os Mercadores Portuguezes forão Vassallos de outro Principe, devera Portugal chama-los pelas mesmas conveniencias, porque os outros Principes Christãos os dezejão, Pois que razão póde haver, para que lancemos de nós por serem nossos, e os que se forão estranhos deveramos admittir, e convidar com premios?

Mas para persuadir e convencer esta razão, não he necessario recorrer a exemplos de fóra, porque dentro em Portugal os temos tão evidentes, que se bem repararmos nelles, advertiremos, que admittimos por muitas vias o mesmo, que por esta difficultamos.

Pelas conveniencias do commercio admitte Portugal, como se vê em Lisboa, e em todas as Cidades maritimas muitos Hereges de Hollanda, Inglaterra, e França; que muito he logo que se admittão, e conserveim os homens de Nação, sendo nelles muito mãibres as razoens do nosso interesse, porque tudo o que ganhão os Mercadores Hollandezes, Francezes, e Inglezes, enriquece a Hollanda, França, e Inglaterra, e o que negoceão os Mercadores Portuguezes fica enriquecendo Portugal.

Verdadeiramente he difficulosissima de entender a razão de Estado de Portugal, porque sendo hum Reino fundado todo no commercio, os seus Mercadores Portuguezes lança-os para os Reinos estranhos, e os Mercadores estrangeiros admitte-os dentro em si; para que o proveito, e interesse da negociação, e commercio venha a ser todo dos estranhos, e nada nosso, e he evidente este augmento; porque o que os Mercadores Portuguezes ganhão nos Reinos estranhos lá fica, e o que os estranhos ganhão neste para lá vai.

Tambem vemos que não só consente Portugal, antes chama á sua custa, e está sustentando com excessivos soldos muitos Hereges Hollandezes, e Francezes, e entre estes Hereges, e os Chris-

taes novos ha muita differença, porque huns vem-nos levar o dinheiro; e outros vem-no-lo trazer. Huns publicamente são Calvinistas, e Luteranos; outros publicamente confessão a Fé Catholica. Huns profanão os Templos, e Altares, outros edificão-os, e enriquecem-nos. Huns, se delinquem contra a Fé, dissimulamos-lho, outros se delinquem, ainda que seja occultamente, queimamo-los, e tomamos-lhes as fazendas. E finalmente a heresia das outras Naçoens he muito mais contagiosa, que o Judaismo; porque o que está mais distante pega-se menos, e o Judaismo, como não confessa a Christo, dista mais da Fé Catholica, que as Seitas dos outros Hereges, que todas o confessão, e assim vemos que a França, Allemanha, Inglaterra, e quasi toda a Europa, está inficionada da heresia, e o Judaismo não passa dos Homens da mesma Nação. Pois se a necessidade da guerra nos obriga a admittir entre nós as heresias mais contagiosas, porque não admittiremos as que o são menos?

Principalmente, que se com não admittirem estes Mercadores, se alimpara Portugal totalmente da Gente da Nação, parecia materia mais consideravel reparar em o chamar-mos; mas quando Portugal em todas as partes está tão cheio desta Gente, que importa, que sejam mais alguns, salvo, se he razão para termos huns, e não admittirmos outros, poderão estes ser de muita utilidade, e os outros de nenhuma? Se temos com nosco os que nos não podem ajudar; porque não admittiremos os que nos hão de ser de tão grande proveito?

Acrecenta-se, que os homens da Nação, que estão espalhados por toda a Europa, nós não os lançamos de Portugal. Elles se forão voluntariamente; porque difficultamos logo admittir os mesmos, que havião de estar com nosco se se não tiverão ido? Principalmente que os danos que Portugal experimentou de sua ausência nas quebras do commercio,

e a opulencia, a que com elles crescerão nossos inimigos, antes são motivos para os chamarmos que razoens para os despedirmos.

E não só não he contra a pureza de nossa Santa Fé o admittir os homens de negocio nestes Reinos, como até aqui se tem mostrado; mas antes, bem consideradas as conveniencias, e utilidades da sua admissão, será obra de grande serviço de Deos, gloria da Christandade, e augmento da mesma Fé.

Porque estando, como estão por nossos peccados, occupadas pelos Hereges Hollandezes tantas partes de nossas conquistas, onde florescia a Fé Catholica, he tão certo, como digno de lastima, que não só nos Gentios, e Christãos daquellas Naçoens recém-convertidas se tem ateado o fogo das heresias, e abrazado as novas Searas de Christo, senão que tambem pela vizinhança, conversação, largueza de vida, e falta de doutrina, e Sacramentos, se vão introduzindo os mesmos erros nos Portuguezes, e seos filhos, de que se tem achado mais exemplos em Pernambuco, e outras muitas partes, do que bastavão á dor, e á evidencia. Pois se admittindo a Gente de Negocio se espera, como fica mostrado, que terá forças o Reino com que conquistar, e restituir a V. M., e á Fé aquellas Praças do Brazil, e India, porque se engeitarão os meios tão efficazes de hum fim tão piedoso, e catholico? Se o dinheiro dos homens da Nação está sustentando as armadas dos Hereges, porque semeem, e estendão pelo mundo as Seitas de Calvino, e Luthero, não he maior serviço de Deos, e da Igreja, que sirva esse mesmo dinheiro ás armas do Rei mais catholico para propagar, e dilatar pelo mundo a Ley, e Fé de Christo?

Sirva-se V. M., Senhor, de considerar o pezo desta razão tão catholica, e forçosa, e não deze-

je maior gloria o piedoso zelo de V. M., que ser o David deste Gigante. Vença V. M. a infidelidade com suas proprias armas, degolando a Idolatria com a espada do Judaismo, assim como os mesmos Judeos, quando Deos os governava, conquistavão a terra de promissão com os thesouros dos Egypcios.

E não só nos Gentios de nossas Conquistas melhorará o partido da Fé, senão nos mesmos homens de Nação Hebraea fugitivos deste Reino; por que he certo nos estranhos, onde vivem com liberdade de consciencia, muitos delles são verdadeiros Catholicos, nos quaes se augmentará a Fé, e piedade; todos os seus descendentes morrerão baptizados, e salvar-se-hão tantas almas, que por falta de baptismo se perdem, e ainda os que interiormente forem infieis, vivendo entre Christãos, e á vista dos bons exemplos, verdade, e doutrina da nossa Santa Fé, terão occasião de se converterem a ella, que entre os hereges lhes falta; porque posto que a experiencia tenhá mostrado, que ha fingimentos na Christandade de muitas, a mão de Deos não he abreviada, nem havemos de desconfiar dos poderes efficazes da sua graça; pois sabemos que desta mesma Nação ha, e houve em todas as Cidades da Igreja Catholica muitos homens santissimos, que com a pureza da vida, e verdade da doutrina a illustrarão, e muitos, que com o sangue a ajudarão a plantar e defender; porque em fim desta Nação forão os sagrados Apóstolos, e a Virgem Santissima, e este foi o sangue, que o Filho de Deos se dignou tomar para preço da nossa Redempção, e união da sua Divindade - que he huma razão entre todas, que muito deve mover a clemencia de V. M. a se compadecer da miseria desta gente, e procurar o remedio, ou de sua innocencia nos bons, ou de sua cegueira nos máos, devendo-se esperar com muito fundamento, que por

meio do favor, que V. M. fizer á estes homens se alcance delles o que pela severidade do rigor se não tem alcançado; porque alem de ser de fé, que toda esta Nação se ha de converter, e conhecer a Christo, as nossas Profecias contão esta felicidade entre os prodigiosos efeitos do milagroso reinado de V. M., porque dizem que ao Rei encoberto virão ajudar os Filhos de Jacob, e que por premio deste soccorro terão o conhecimento da verdade de Christo, a quem adoravão, e reconhecerão por Deos.

Supposto pois que esta materia, sendo de tanta importancia para a conservação do Reino, em nada encontra, antes pôde ajudar muito ao bem da nossa Fé, a deve V. M. mandar resolver sem nenhum escrupulo de consciencia, nem receio de que Deos se desagrade desta acção verdadeiramente justa, e piedosa, e em prova deste seguro, allego só a V. M. a memoria dos Senhores Reis D. Manoel, D. João III, e D. Sebastião, em cujos diferentes successos nos dá bem a conhecer a occulta disposição da Providencia Divina, que se não desagrada de que os Reis Catholicos uzem de piedade, e clemencia com estes homens.

O Senhor Rei D. Manoel de Gloriosa Memoria os admittio neste Reino, e lhes prometteo os favores, que se contém nas palavras seguintes, que são de huma Provizão Real Sua: — *E lhe promettemos, e nos apraz, que daqui em diante não faremos nenhuma ordenança, nem defesa, com sobre gente distincta, e apartada; mas assim nos apraz em todo seião havidos, e favorecidos, e tratados como proprios Christãos velhos sem serem distinctos, e apartados em coisa alguma. &c.*

Isto mesmo confirmou depois o Senhor D. João III, o qual favoreceo muito os homens da Nação, e se servio delles em postos, e negocios de grande confiança, e he certo que estes dois Reis

forão os mais felizes de Portugal, e seus annos os mais prosperos, e gloriosos, assim espirital, como temporalmente pelo muito, que dilatarão a Fé, e enriquecerão o Reino.

A ElRei D. João III, succedeu ElRei D. Sebastião o qual revogou a lei, ou contracto, que os Reis seus antepassados tinham feito com a gente da Nação, (a qual revogação por grandes fundamentos, de direito julgarão muitos ser nulla, e invalida) e dos successos de Portugal no tempo de ElRei D. Sebastião são boas testemunhas as lagrimas de sessenta annos, que a feliz acclamação de V. M. nos enchugou. Não se infere, nem pôde inferir daqui, que o mais, ou menos favor, com que os Senhores Reis tratarão a gente da Nação foi causa da desigualdade de seus successos; mas infere-se somente e prova-se com clareza, que nem o favor, com que os tratarão os dois primeiros Reis, lhes retardou o curso de suas felicidades; nem o rigor, com que procedeu contra elles o terceiro, bastou a melhorar os successos da sua fortuna.

Assim, que, Rei e Senhor nosso, não he materia esta de escrupulo, nem receio, principalmente quando V. M. (como se propoem) deixe a resolução della ao juizo, e disposição do Summo Pontifice, a quem como Vigario de Christo e primeira regra de nossa Santa Fé pertence ordenar, variar, e dispôr o que, segundo os tempos, e estados da Igreja, parecer mais conveniente ao proveito das almas, e gloria Divina, á qual e á de V. M. se seguirão juntamente por este meio lançando-se fundamentos solidos, e permanentes, a nossa conservação, e a da pessoa de V. M. principalmente, que he o principio, de que todas as nossas felicidades, e esperanças dependem.

*O Padre Antonio Vieira.*

## A D V E R T E N C I A,

**N**ÃO cabe em nosso coração o prazer, que temos ao escrever este artigo. Tudo quanto dissemos no N.º precedente foi apenas o preludio do que hoje nos interessa. Não he só a França invadida por diferentes lados; o povo Francez sentindo os males, de que alagou a Europa; o Tyranno saltando de lugar em lugar, e em vão buscando a seguridade no seio das victimas illudidas da sua ambição: a capital da mesma França em poder dos Alliados, a despeito dos inuteis esforços do Despota; a voz da paz e da liberdade resoando dentro das muralhas de Pariz; nas Provincias do Norte, do Sul, e de Est retumbando os gritos de *Viva Luiz XVIII; morra o Tyranno!* he a Scena mais interessante, e ao mesmo tempo a mais inesperada. Não se podem ler sem alvoroço as demonstraçoens de alegria, que os Francezes tem dado ao sacodirem o jugo da Escravidão. Apresentando aos nossos Leitores o que se passou em Bordeaux, os poremos em estado de julgar quanto he odioso o despota e o despotismo, e em quanta ancia anelão os outros povos da França a quebrar as cadeias em que gemem. As proclamaçoens e instrucçoens, do Marquez de Chabannis e do Conde de Artois, que juntamos, serão novos argumentos da mais bém fundada esperança. A paz he quanto falta para rematar nossos dezejões, huma páz cimentada com o sangue do tyranno, sustentada sobre os principios generosos da independencia das naçoens, e dos legitimos governos. A Europa respirará depois de tantos annos de fadiga e de angustias, semelhante a hum doente, a quem os remedios mais agros e mais violentos restituirão a saude. As Sciencias, as Artes, e o Commercio quebrarão as suas prisçoens, e farão o prazer e a abundancia da Sociedade.

Tal he a scena lisongeira que há tanto prepa-

ramos , e que tão rapidamente se tem approximado nestes ultimos tempos. Nossos vaticinios inspirados pelo nosso patriotismo se encherão , e julgaremos com a mair satisfação dahi em diante esteril a nossa tarefa.

*Aclamação de Luiz XVIII em França.*

( Jornal de Bordeaux , N.º 1.º — 2.ª feira 14 de Março de 1814. )

**O** Dia doze será para a Cidade de Bordeaux a epoca mais glóriaosa , que será consagrada nos fastos da historia. Há muito tempo , que os Bordelezes se havião declarado contra o governo oppressor que fez gemer a França ; mas não tinham ainda achado o momento favorável para sacudir o jugo. Entretanto Cidadãos zelosos trabalhavão em segredo ao restabelecimento do Governo paternal dos netos de Henrique IV. M. Lynch , que fora magistrado no parlamento de Bordeaux , que a Providencia havia escolhido para dar o sinal , se ajustava com Tassard de St. Germain , commissario de S. M. Luiz XVIII , para aproveitar o primeiro momento. A chegada do exercito Inglez ao territorio Francez , os sentimentos grandes e generosos d'aquella nação , que salvou a Europa da escravidão e da oppressão , tudo fazia esperar que estava proximo o dia da liberdade. Soube-se então que S. A. R. Mr. Duque de Angouleme tinha chegado ao exercito. O neto de Henrique IV , o esposo de S. A. R. a filha de Luiz XVI havia entrado em S. João da Luz. O Conselho Real ordenou que M. de Laroche-Jacquelin e M. Queyriaux apparecessem a S. A. R. , para receber as suas ordens , e conferir com Lord Wellington. Sua Senhoria amante dos Bourbons prometteu todos os soccorros necessarios para defender os verdadeiros realistas. Mr. Jorge

Bontemps du Barri, foi enviado para rogar a S. A. R. que se dignasse de hir a Bordeaux. Lord Wellington fez logo marchar huma columna sobre Bordeaux; confiou o commando della ao Marechal Beresford, tão inclinado como Sua Senhoria ao restabelecimento de Luiz XVIII. Logo que M. o Commissario do Rei e M. Lynch estiverão certos da chegada dos generosos alliados, tudo se preparou para recebe-los de huma maneira digna delles, digna do Rei, que vinhão restituir-nos, e digna dos Bordelezes, que querião dar huma grande prova de sua lealdade. Mandarão-se estafetas ao encontro do Senhor Marechal, e partirão Deputados para levarem a S. A. R. os votos dos Bordelezes. Que fortuna não he, bravos Gascoens! sermos nós os primeiros, que pozemos aos pés do Principe a homenagem do respeito e da fidelidade!

Logo que o Senhor Marechal chegou a Ponte de la Maye, o Coronel Vivian foi enviado a M. o Maire para lhe annunciar que elle cria entrar em huma cidade alliada, e sujeita a S. M. Luiz XVIII; logo recebem a certeza, e M. Lynch, e os Senhores adjuntos escoltados de huma guarda real sem uniforme, se apresentarão ao Senhor Marechal; arvorou-se logo o tope branco, a bandeira branca fluctuou sobre a torre de S. Miguel, e M. o Maire dirigio ao Senhor Marechal hum discurso, que, exprimindo todos os votos dos Bordelezes, penetrou de sensibilidade todos os coraçoes dos que o poderão ouvir: quanto era agradável ver-lhe depor a sua banda, tomar o antigo emblema dos Francezes, e arvorar o tope branco, simbolo da paz e da felicidade! Os gritos de *viva ElRei*, que se repetião em echo, interromperão muitas vezes ao Senhor Maire e ao Senhor Marechal. Sua Senhoria repetio com hum tom affectuoso a promessa feita por Lord Wellington. A procissão se tornou a pôr em marcha para entrar no Hotel-de-Ville; o povo

corria em chusma a encontrar os libertadores; os gritos de *vivâa os Bourbons; honra aos Inglezes; viva o Maire*, se succedião sem interrupção; o contentamento estava em todos os rostos; lagrimas de prazer corrião de todos os olhos; nascia a aurora da felicidade; M. o Marechal, chegando á Casa da Camara, recebeu MM. os adjuntos, e M. o Commissario do Rei, condecorado com a banda real, apresentados por M. o Maire. O Senhor General fez novos protestos da protecção da sua leal nação.

Mas as aclamaçoens do povo, mas todos os coraçõens pedião o Principe; cada hum queria ver o Sobrinho do Seu Rei; queria-se mostrar a elle mesmo todo o affecto que se lhe tinha; no mesmo instante chegou Mr. o Duque de Guiche para annunciar que S. A. R. estaria em Bordeaux antes de tres horas; que hiria immediatamente á Cathedral; esta noticia foi logo repetida por mil écos; de todas as partes e por toda a Cidade se levantarão novos gritos de *Viva ElRei*: foi geral a alegria; numerosos destacamentos de moços realistas partirão para se pôrem na presença de S. A. R., e M. o Maire entrou depois na sua carruagem com M. o Commissario do Rei. MM. os adjuntos e huma parte do Conselho Municipal os acompanhárão, era immensa a multidão; logo que se avistou S. A. R., Mr. Lynch, e todo o seu acompanhamento apeou-se; Mr. Lynch fez huma falla a S. A. R. e recebeu huma resposta digna do filho de Henrique IV.; o esquecimento do passado, a felicidade para o futuro, eis-aqui o que elle vinha trazer aos Francezes, estes os sentimentos dos Bourbons, este o voto do Rei, e de todos os Principes; S. A. R. se pôz em caminho para a Cathedral, mas a multidão enchia todas as ruas, querião ver o Principe; este parava a cada instante para deixar gozar os Francezes da felicidade de o contemplarem; o Senhor Arcebispo

esperava S. A. R. na porta principal da Cathedral, toda a Igreja estava cheia, e gastarão-se tres quartos de hora antes de chegar ao Sanctuario; a Santidade do lugar não pôde suffocar as acclamações, os gritos de *Viva El Rei*, suspendêrão a ceremonia; cantou-se o *Te Deum*, que foi repetido por todos os corações; S. A. R. querendo provar aos Bordelezes quanto estava tocado de seus sentimentos foi á Camara para encarregar os Magistrados de serem os seus interpretes; os gritos de *Vivão os Bourbons, Viva El Rei* o precedêrão por toda a parte, e seguirão seus passos.

---

*O Maire de Bordeaux a seus Concidadãos.*

**H**abitantes de Bordeaux, o Magistrado paternal da vossa Cidade foi chamado pelas mais felices circumstancias a ser o interprete de vossos votos ha muito tempo reprimidos, e o orgão do vosso interesse, para agasalhar em vosso nome o sobrinho, o genro de Luiz XVI, cuja presença converte em Alliados póvos irritados, que até ás vossas portas tiveram o nome de inimigos.

Já, Bordelezes, as proclamações, que pela impossibilidade da prensa, vossas penas impacientes tem multiplicado, vos segurarão das tenções do nosso Rei e dos projectos de seus Alliados.

Os Inglezes, os Hespanhoes e os Portuguezes não vierão sujeitar nossos paizes a hum dominio estrangeiro. Reunirão-se no Meio-dia assim como outros povos no Norte, para destruir o flagello das nações e pôr em seu lugar hum Monarca, Pai do povo. Só por elle he que podemos socegar o resentimento de huma nação vizinha, contra a qual nos lançou o despotismo mais perfido.

Se eu não estivesse convencido de que a presen-

ça dos Bourbons, conduzidos pelos seus generosos Alliados, devia trazer o fim de nossos males sem duvida eu nunca desampararia vossa Cidade; mas teria curvado a cabeça em silencio debaixo de hum jugo passageiro. Não me verieis arvorar esta cor, que presagia hum governo puro, se não me houvessem affiançado que todas as classes de Cidadãos gozarão desses beneficios, que os progressos do espirito humano promettião ao nosso seculo.

As mãos dos Bourbons são limpas do sangue Francez. Com o testamento de Luiz XVI na mão, se esquecem de todo o resentimento: por toda a parte proclamão e provão que a tolerancia he a primeira necessidade de suas almas. Instruidos de que os ministros de huma religião differente da que elles professão, tem gemido sobre a sorte dos Reis e dos Pontifices promettem huma igual protecção a todos os cultos, que invocão hum Deus de paz e de reconciliação.

Lamentando esses terriveis estragos da tyrannia, que a licença trouxe apoz si, se esquecem dos erros, que as illusoens da liberdade causarão. Longe de querer mal a aquelles, que com hum ardor já castigado de sobra correrão a poz do seu vão fantasma, elles vem restituir-lhes aquella verdadeira liberdade, que deixa ao mesmo tempo sem desconfiança o Rei e o povo. Todas as instituições liberaes serão conservadas. Assombrado da facilidade dos Francezes em votar impostos, arrimos do despotismo, o Principe será o primeiro em ajustar com os vossos representantes o modo mais legal a repartição mais justa, para que o povo não seja esmagado.

Estas breves e consoladoras palavras, que vos acaba de dirigir o Esposo da filha de Luiz XVI; *Nada mais de tyranno! nada de guerra! nada de conscripção! nada de impostos vexatorios!* tem já assegurado as vossas familias.

Já S. M. tem por duas vezes proclamado á face da Europa que o interesse do Estado lhe faria huma lei de consolidar vendas, que por mudanças innumeraveis tem interessado tantas familias em propriedades, que de hoje em diante ficão garantidas.

Bordelezes! Eu estou certo de que a firme vontade de S. M. he favorecer a industria, e reconduzir entre nós essa imparcial liberdade de commercio, que antes de 1789 tinha derramado a abundancia em todas as classes laboriosas. Vossas colheitas deixarão de ser ruinosas; as colonias, ha muito separadas da mãe patria, vos serão restituídas; o mar, que se havia tornado como inutil para vós, vai outra vez conduzir a vosso porto bandeiras amigas. O obreiro laborioso já não verá suas mãos ociosas, e o marinheiro restituído á sua nobre profissão, vai navegar de novo para comprar o descanso de sua velhice, e deixar em testamento a sua experiencia a seus filhos.

O espoço da filha de Luiz XVI está dentro de vossos muros; bem depressa elle mesmo vos fará ouvir a expressão dos sentimentos, que o animão, e dos do Monarca, de quem elle he o representante e o interprete.

A esperanza dos dias de felicidade, que elle vos segura, tem muitas vezes sustentado minhas forças.

Não preciso convidar-vos á concordia. Não tendem todos os nossos votos á mesma meta, á destruição da tyrannia, debaixo da qual gememos todos igualmente? Mas cada hum de vós deve concorrer com tanta ordem como ardor. Amsterdam não esperou a presença de seus libertadores, para se declarar, e restabelecer o antigo governo, só capaz de resuscitar o seu commercio e prosperidade; ao patriotismo dos negociantes deveu o *Stathouder* o seu restabelecimento, e a pronta criação do exercito, que defende por suas mãos a liberdade Hollandeza.

Sereis os primeiros que déstes á França hum semelhante exemplo. A gloria e o proveito, que a vossa Cidade daqui ha de colher, a farão para sempre celebre e feliz entre as Cidades.

Tudo nos promette esperar que ao excesso dos males vão a final succeder esses tempos dezejados pela prudencia, em que devem cessar as rivalidades das naçoens; e por ventura estava reservado ao grande capitão, que já mereceu o titulo de *libertador dos povos*, misturar o seu nome glorioso com a epóca deste feliz prodigio.

Taes são, ó meus concidadãos, os motivos, as esperanças, que tem guiado os meus passos, e me determinarão a fazer por amor de vós, se necessario fosse, o sacrificio da minha vida. Deos me he testemunha que nunca tive em vista mais do que a felicidade da nossa patria. *Viva ElRei!*

Bordeaux, Caza da Camara 12 de Março de 1814.

( Assignado )

O Maire.  
Lynch.

---

Em nome do Rei.

*O Duque de Angoulême ao Exercito Francez.*

**S**oldados! — Eu chego; estou em França; nesta França, que eu tanto prezo! Venho quebrar vossos ferros; venho desenrolar a bandeira branca, essa bandeira sem nodos, que vossos Pais seguirão com transporte. Ajuntai-vos a ella, bravos Francezes, e marchemos todos a derribar a tyrannia.

Generaes, officiaes e soldados, que vos alistardes debaixo da antiga bandeira dos lyzes, em nome do Rei, meu tio, que me encarregou de vos fazer

conhecer suas intenções paternas, eu vos seguro vossos grãos, vossos soldos e recompensas proporcionadas á fidelidade de vossos serviços.

Soldados Francezes! o neto de Henrique IV, o esposo de huma Princeza, cujas desgraças não tem par, mas que dirige todos os seus votos á felicidade da França; hum Principe, que se esquece de suas penas, ao exemplo de vosso Rei, para cuidar sómente nas vossas; vem com confiança entregar-se em vossos braços.

Soldados, a minha esperança não será enganada. Sou o filho de vossos Reis, e vós sois Francezes!

Luiz Antonio.

S. João da Luz, 11 de Fevereiro de 1814.

Por Ordem de Sua Alteza Real.

O Conde Estienne de Damas.

---

*Falla do Maire de Bordeaux dirigida ao Marechal Beresford no dia 12 de Março de 1814 ao meio dia.*

„ **G**eneral, — A generosa nação, que tem dado tantas provas decisivas da sua magnanimidade em ajudar com huma constancia inalteravel seus opprimidos alliados, se appresenta hoje ás portas da Cidade de Bordeaux, como alliada do nosso augusto Soberano Luiz XVIII.

Nós vimos General, expressar-vos em nome de todos os nossos Concidadãos os sentimentos, que os animão.

Vós presenciareis os testemunhos, com que em toda a parte brilha o nosso amor ao nosso Rei. Es-

tes testemunhos serão também misturados com sentimentos de gratidão.

Não se offereça mais obstaculo algum á união de nossas patrias! Entrem os vossos navios francamente nos nossos portos, e os nossos sejam recebidos nos vossos como amigos! Desta sorte gozaremos mutuamente dos beneficios da communicação commercial. A alliança da Inglaterra e França segura a paz e a felicidade do mundo. ,,

*A's 2 horas o mesmo Maire fez a seguinte falla a Sua Alteza Real o Duque de Angouleme.*

„ **M**onseigneur, — Que dia para a Cidade de Bordeaux he aquelle, em que recebe em seu seio o sobrinho e o genro de Luiz XVI, e do nosso amado Rei Luiz XVIII! A França por tanto está a ponto de recobrar a sua felicidade! Ella só a pôde gozar debaixo do governo paternal de hum descendente de Henrique IV, do Soberano, cuja distinta prudencia foi igualmente provada na prosperidade e na adversidade.

„ Que mais feliz presagio podiamos nós ter, Senhor, da nossa futura felicidade, do que a presença de hum Principe tão nomeado pela sua affabilidade, prudencia e firmeza?

„ Vinde, Monseigneur, entre os fieis vassallos do nosso Rei dar-lhes hum exemplo de todas as virtudes: vinde receber os mais notaveis testemunhos do nosso amor, do nosso affecto e profundo respeito. ,,

*Fallos do Arcebispo de Bordeaux ao Duque de Angoulême.*

**S**ENHOR, — Afflictos por huma longa serie de annos com calamidades de todo o genero, havemos gemido sobre as nossas misérias; e em quanto as nossas oraçoens supplicavão o termo dellas, eramos incessantemente agitados por esperanças e receios, que alternadamente prevalecião.

A estas magoadas emoçoens pôz silencio a presença de Vossa Alteza Real. Nós seremos felices! Em nome do meu Clero e do povo da minha diocese, tômo a confiança de rogar a V. A. R. que apresente a S. M. o sincero protesto de que nos seus dominios não se acharão vassallos mais fieis, nem mais constantes,

---

## PROCLAMAÇÃO.

*Aos Governadores, Generaes, Commandantes, Officiaes, Soldados e habitantes de Cambray.*

**B**RAVOS Francezes! — A sorte mais gloriosa se abre ante vossos olhos; o vosso Rei vos convida a reconhecê-lo e recebê-lo; séde os primeiros neste quartel de França a proclama-lo.

Sem dúvida vós sabeis que Bearn e Languedoc tem reconhecido sua authoridade; que Sua Alteza Real o Duque de Angoulême está marchando sobre Provence, Lyon, Limoges, e Bordeaux, onde todos os coraçõs se lhe abrem.

Sem dúvida sabeis tambem que Monsieur, irmão d'El Rei sahio para o quartel general dos exercitos alliados.

Seguramente vós já não sois enganados pelas

mentiras, que todos os dias se accumulão no *Monitor*. Quantas victórias não vos tem elle annuciado de Moskow até Paris? E a perda de milhares de peças, 4000 Francezes prisioneiros, 5000 mil dos vossos filhos mortos, ou acabando de frio e fome entre Beresyná e o Rhêno, a perda de vossos thesouros, hum terço da França conquistado, Paris em perigo de o ser; taes são os resultados das chamadas victorias do *Monitor*.

Qual de vós não terá dito hum cento de vezes que os boletins estão somente cheios de falsidades e ridiculas exagerações? que todos os jornaes são meros instrumentos nas mãos da policia, e do governo para enganar-vos? Se isto haveis dito, se o haveis repetido, e ainda o julgaes assim, por qual cegueira continuareis ainda a mostrar que dais credito a aquellas reiteradas mentiras? Deixai de temer hum tyranno, cujo nome só vos atterra; e o mundo se livrará d'elle. Ah! 8000 soldados de todas as Nações, cuja vingança elle só desafia, estão no vosso territorio, ou promptos a entrar nelle. Milhares de Francezes perecem diariamente, e para que? Para defendereis hum tyranno, que elles detestão, porque elle tem a habilidade de persuadi-los de que as Potências Alliadas vierão com tenção de repartir a França; sem quanto para livra-la do Francezes, vêm agora o vosso Rei em vosso socorro. Elle voltará como hum pai entre seus filhos, e não como inimigo; elle voltará a vós debaixo da salva guarda do vosso amor, e da sua confiança, sem hum só soldado estrangeiro.

Elle só quer; elle só pôde atalhar as formidaveis cohortes promptas a cair sobre vós. Onde quer que o seu nome for proclamado, os moradores serão protegidos, os inimigos de Bonaparte são os amigos dos Bourbons, os protectores da especie humana.

A honra Franceza nunca vio a cara ao modo,

nem nos maiores perigos; mas com os corações verdadeiramente Francezes, nunca a honra consistirá em defender hum Corso, vosso algoz, e em engeitar vosso legitimo Soberano, o descendente de 69 Reis.

Habitantes de Cambray, seja feliz e glorioso o vosso futuro destino! Nos vossos corações, na vossa geral opinião he que Luiz XVIII dezeja restabelecer o seu governo: elle he o melhor, mais intelligente, mais indúlgente dos homens, o mais terno dos pais, que dezeja voltar para o centro de seus filhos.

Enquanto elle não chegar, vossas portas ficarão fechadas. Os vossos arredores serão respeitadas pelas tropas estrangeiras. A presença do vosso Rei em breve será para vós o sinal de felicidade, o dia de paz com Deus e com os homens.

O Marquez de Chabannes.

---

*Proclamação da parte do Rei.*

**O** Marquez de Chabannes, primeiro Ajudante de Campo do Rei, munido de plenos poderes nas provincias do Norte.

Francezes! he chegado o momento da vossa liberdade: o vosso Rei, acompanhado pela filha de Luiz XVI, e seguido pelo Principe de Condé, e o Pai do Duque de Enghien, está proximo a apparecer entre vós; Monsieur, o irmão de Luiz XVIII, e seus illustres filhos, já o precederão a Est, ao Sul, e a Oest da França; elles fazem conhecer as vistas paternaes do vosso Rei, e vos affianção em seu nome a restituição da felicidade e da paz, de baixo de hum governo, que será o protector das leis, e da publica liberdade.

O grito de Viva ElRei, tão caro a vossos antepassados, se levanta de toda a parte, e ressoa em todos os corações! A bandeira branca fluctua sobre as vossas Cidades. Ella mostra aos habitantes que voltou a ordem, resuscitou o Commercio, a segurança das familias, e a união dos Francezes.

Não teremos mais que temer a guerra, a conscripção, os odiosos gravames de direitos consolidados; tudo, que causa a miséria da nação, cessará com a existencia do Tyranno.

O Rei segurarà ás guardas Imperiaes, e a todos os Generaes Officiaes subalternos, e soldados, que se unirem á sua causa, a posse do seu posto, soldo, e emolumentos; e a todos os magistrados, sejam administrativos ou judiciaes, que se declararem por elle, a posse dos seus postos: premiará honrosamente aquelles que lhe prestarem serviço. A Religião será restituída ao seu lustre, a propriedade á segurança, que lhe he devida. Nada perturbará a unanimidade, que deve unir os Francezes; e o Rei, juntamente com sua familia, dando o exemplo dos sacrificios, combinará os direitos e vontades de todos em reciproca harmonia.

Francezes! Tal he a contra-revolução, que se deve effectuar para vosso bem, e para tranquillidade do mundo. Toda a Europa zela a restauração de legitimos Soberanos; sereis vós a unica nação, que quererá viver debaixo da mais vil tyrannia? *Viva o Rei!*

Bravos Flamengos, homens do Artois e Picardia, recebei a expressão daquelle respeito, de que está penetrado aquelle, que tem a felicidade de trazer-vos hoje a vontade e as vistas do Rei.

O Marquez de Chabannes,

*Instrucçoens.*

Art. 1. **T**odo aquelle a quem chegar esta proclamação, zelosamente a dará a manifesto, e a fará conhecida em todas as maneiras possíveis.

2. Distribui-la-ha de mão em mão; leva-la-ha de lugar a lugar, ainda ás maiores distancias das suas moradas, para que se espalhe o mais breve possível.

3. Fa-la-há imprimir em toda a parte em que houver prensa; abonar-se-hão as despesas a aquelles, que as adiantarão.

4. Cada Maire terá cuidado em decorar o nome e aççoens d'aquelles, que se distinguirem em cada Commum, para que o Rei possa premia-los pessoalmente.

5. Todos os officiaes militares e administrativos se porão á frente dos realistas, e cada hum em seus lugares desenrolará a bandeira branca das Cidades, &c. Cada hum porá tambem o tope branco, tomado para distinctivo de sua leal unanímidade.

6. Sendo o tope branco o mais verdadeiro emblema da paz, e harmonia com as Potencias Alliadas, o Rei ordena a todos os Maires que imponhão o peso da guerra sómente sobre aquelles, que não se declararem ao primeiro sinal: aquelles, que procurarem sustentar hum usurpador contra seu legitimo Soberano, e contra os illustres defensores da liberdade do mundo, merecem só supportar as misérias da guerra, que a illimitada ambição de hum indigno estrangeiro levou ao coração da França.

7. Em todas as praças cada correio do tyranno, e cada hum despachado por seus agentes, será detido, privado dos seus despachos; todos os sinaes devem ser tirados dos telegraphos; todos os passageiros que não provarem claramente não terem communicação com o tyranno, serão postos

em custodia ; embarçar-se-ha toda a correspondencia do Governo por meio das malas.

8. Em cada Commum se organizará huma guarda nacional, debaixo do commando do Maire ; e esta guarda, junta com cada brigada de gens d'armes, vigiará sobre a segurança das pessoas e propriedades.

9. Os que quizerem gozar da felicidade de encontrar o seu Rei se armarão da maneira seguinte : —

Huma farda azul, com lirios nos botoens ; huma banda á maneira de cinta : huma fita branca de tres pollegadas de largor, bordada de lirios, no hombro direito, huma grande pluma branca na cabeça ; hum sabre, hum par de pistolas e hum cavallo. O lugar em que se hão de ajuntar lhes será indicado.

10. Estes meritorios voluntarios, depois de rodearem a seu Rei na sua coroação, serão logo postos em liberdade, ou de voltarem para suas cazas depois de receberem provas de satisfação de Sua Magestade, ou de alistarem-se nas novas tropas domesticas do Rei, onde cada hum gozará do ppsto. em que tinha servido.

11. Os gens d'armes darão o exemplo ; e por sua adherencia á causa do Rei, pelo seu zelo em espalhar a presente Proclamação, se habilitarão para entrarem no corpo da flor dos gens d'armes, que Sua Magestade tem resolvido levantar, e pôr junto da Sua Pessoa.

12. O Rei confia na lealdade, zelo, e affecto do seu Clero.

13. Todas as authoridades civis e militares, que não responderem ao chamamento do Rei, e á confiança que Sua Magestade nelles descança, serão contados por traidoras ao legitimo Governo e inimigas da Patria. Os Realistas poderão prende-las em qualquer parte, e nomear provisionalmente em

lugar delles aquellas pessoas que parecerem mais aptas para effectuar as vistas paternaes do Rei.

14. O Rei ordena que os Francezes recebam as tropas dos illustres libertadores da tyrannia , com hospitalidade e attenção ; e ainda que as ordens mais estreitas e a mais rigorosa disciplina não possa ser capazes de prevenir algumas desordens , ao menos com tudo estas serão as ultimas desgraças , que o tyranno nos ha de causar ; e a paz debaixo do reino dos Bourbons , e do mais intelligente e benevolu do Reis , restituirá a felicidade á desgraçada França.

O Marquez de Chabannes.

---

*Constituição da Hollanda. Haya 3 de Março de 1814.*

**N**ÓS Guilherme , por Graça de Deos , Principe de Orange Nassau , Principe Soberano dos Paizes Baixos Unidos , &c.

Aos que as presentes virem , saude.

Chamados á Soberania destes Estados pela vossa confiança , e lealdade , hayemos declarado desde o principio que nos encarregavamos della debaixo da garantia de huma sabia Constituição , que pözesse a vossa liberdade a coberto de todos os abusos possiveis , e nunca depois deixamos de sentir a sua necessidade.

Portanto reputamos por hum dos primeiros e mais sagrados dos nossos deveres reunir homens de consideração , e encarrega-los do importante empenho de dirigir hum codigo fundamental , fundado em vossos costumes , e em vossos habitos , e accommodado ás necessidades dos tempos actuaes.

Depois de hum maduro exame desta obra , lhe

havemos dado a nossa approvação. Porém isto não satisfaz ao nosso coração. Ella interessa a todos os Paizes Baixos. Todo o povo Hollandez deve reconhecer-se nesta importante obra. Este povo deve receber a mais forte segurança de que nella se protegem sufficientemente os seus caros interesses; que a religião, fonte de todo o bem, he nella honrada e mantida, e a liberdade religiosa despegada de todo o interesse temporal, mas segura da maneira mais ampla; que a educação da mocidade e a propagação das sciencias serão desveladas pelo Governo, e isentas de todas essas regras vexativas, que opprimem o genio, e enervão o espirito; que a liberdade pessoal não será já hum nome vão, nem dependerá mais de huma policia desconfiada e aleivosa; que huma administração imparcial da justiça, guiada por principios fixos, segurarà a cada hum a sua propriedade; que o commercio, a agricultura e as manufacturas não serão aljemadas mas terão plena carreira, como preciosas fontes da prosperidade publica e individual; que em consequencia, não se porá mais restricção alguma á economia domestica das classes mais altas e mais baixas do Estado, mas se conformarão ás leis geraes, e ao governo geral; que a acção do governo geral não será paralizada por zelo demasiado pelòs interesses locaes, mas ao contrario receberá maior impulso; que as leis geraes, por meio do concerto harmonioso dos dois principaes ramos do Governo, serão fundados sobre os verdadeiros interesses do Estado; que as finanças e os exercitos da nação, que fôrão as principaes columnas da edificio politico, serão estribados sobre este ponto central, onde se fixará firmemente o maior e mais precioso privilegio de todo o povo livre, — *a sua independencia.* Qual de vós pôde duvidar desta verdade, depois da terrivel experiencia, que tivestes de huma tyrannia estrangeira, que não reconhecia direito algum,

quando precisava de meios para se sustentar pela violencia; depois de ter gemido, nestes ultimos annos, debaixo do jugo mais oppressivo, que jámais tem sido imposto depois do tempo dos Hespanhoes?

Agora, ao menos vós conheceis tudo o valor desses preciosos direitos, pelos quaes nossos pais sacrificarão os seus bens e o seu sangue; d'essa felicidade, que legarão a seus descendentes, e que as desgraças dos tempos nos roubarão.

Assim, animados por seu exemplo, he do nosso dever, á imitação daquelles de quem trazemos o nome, e do qual honramos a memoria, restituir o que está perdido; cumpre a vós ajudar-nos com todos os vossos esforços, para que com a benção da Divina Providencia, que nos chama a este empenho, possamos deixar a nossos filhos a nossa amada patria inteiramente reconquistada e regenerada.

Para poder julgar se o Codigo constitucional assim recopilado pôde satisfazer ao grande objecto acima indicado, havemos julgado conveniente sujeitar o dito Codigo, para hum exame mais serio, a huma numerosa assemblea das pessoas mais consideraveis e melhor qualificadas d'entre vós.

Para este effeito nomeámos huma **Commissão** particular; a qual escolherá, de huma numerosa lista, que nos foi entregue, seiscentas pessoas, em huma justa proporção com os departamentos actuaes.

Honrados com a vossa confiança, ellas se ajuntarão a 28 deste mez na metropole d'Amsterdam, para deliberarem sobre este importante negocio.

Ellas receberão tambem, com as cartas de convocação, o projecto de constituição, a fim de poderem formar a sua opinião com madureza, e na bonança da reflexão; e para este effeito se mandará de antemão huma copia a cada membro. E como he da mais alta importancia que aquelles membros possuão a confiança geral, ordenamos que se ja publicada huma lista das pessoas escolhidas para

cada departamento, e que todos os habitantes, que são donos de casa, tenham a facilidade, pondo a sua assignatura com alguma addição ou sem ella, em hum registro, que estará aberto por oito dias em cada cantão, de desaprovar aquellas pessoas, que não julgarem qualificadas.

Nenhum habitante he privado deste direito á excepção dos domesticos, criados, fallidos, e pessoas em estado de minoridade, ou de accusação.

Quando nos constar, pelo exame dos registros que a maior parte está satisfeita das pessoas, sujeitas desta maneira á sua escolha, nós os consideraremos com representantes de todo o povo Hollandez, ajunta-los-hemos, appareceremos no meio delles, os saudaremos como constituindo a grande assemblea, que representa os Paizes Baixos Unidos.

Então começarão livremente seus trabalhos, e dar-se-nos-ha conta dos seus progressos por huma Junta nomeada para este effeito, e logo que a adopção do Codigo constitucional houver sido o resultado de suas deliberaçoens, faremos as disposiçoens necessarias para prestar o juramento, que nos prescreve a Constituição, com toda a solemnidade conveniente, no meio de huma assemblea, e para serem installados em forma.

Devereis tambem estar convencidos, dignos compatriotas, que em todas estas providencias, e bem da nossa amada patria he o meu primeiro e unico objecto; que os vossos interesses são os mesmos que os meus; e podem elles mais claramente adiantar-se do que formando regulamentos constitucionaes, nos quaes achareis a garantia dos vossos direitos mais prezados? Elles nos procurarão a vantagem de exercer, segundo principios fixos, as funcçoens e a responsabilidade do governo, com ajuda dos Cidadãos mais dignos e mais intelligentes; e elles nos segurarão a continuação dessa affeição, cujas expressoens alegrão nossó coração, animão nossó valor,

allivião o nosso pezo, e ligão para sempre a nós e a nossa casa á nossa patria regenerada.

Dado em Haya, a 2 de Março de 1814, e de nosso reinado o 1.º

( Assignado )                      Guilherme.  
Por Ordem, A. R. Falck, Secret. de Est.

## R U S S I A.

*A Gazeta de Petersburgo de 20 de Janeiro contém o Tratado de Paz concluido entre a Russia e a Persia, que em substancia he o seguinte.*

**A** Persia cede á Russia os Governos de Karabag, Ganshin, Schekin, Schirwan, Derbent, Kubin, Baku, Talischin, e todo o Daghestan. A Persia renuncia além disto a todas as suas pretensões á Georgia com a provincia de Schuragel; sobre Insetta, Guria, Mingrelia, e Abchaise, e cede á Russia para sempre a Soberania sobre todos estes paizes. Só a bandeira Russa será admittida no mar Caspio, que a nenhuma outra potencia será permitido ter naquelle mar navios de guerra, ou mercantes.

A' cerca do commercio entre as duas Potencias se fizeram as seguintes disposições. — Os vassallos Russos podem importar os seus generos não só na Persia, mas também nos Reinos vizinhos; não pagarão mais de cinco por cento sobre todos os generos, que importarem na Persia, e o mesmo ácerca dos que exportarem. Os Russos em materias de commercio sómente serão demandados perante os Consulles Russos, ou seus agentes nas diferentes Cidades da Persia.

*Tratado entre a Suecia e a Dinamarca**Kiel 14 de Janeiro.*

*Tratado de paz entre Sua Magestade ElRei da Suecia por huma parte, e Sua Magestade ElRei da Dinamarca por outra.*

Em nome da Trindade Santissima e sempre adorada :

**S**UA Magestade ElRei da Suecia e Sua Magestade ElRei da Dinamarca, animados de pôr fim ás calamidades da guerra, que infelizmente tem subsistido entre elles, por meio de huma paz saudavel, e recuperar a boa intelligencia entre os seus Estados, para esse fim e sobre bases que se-gurem a duração da paz, respectivamente nomearão os seguintes plenipotenciarios, a saber: Sua Magestade ElRei da Suecia ao Barão Gustavo Von Wettedt, Chanceller de Corte, Commendador da Ordem Polaca da Estrella, Cavalleiro da Aguia Vermelha Prussiana da 1.<sup>a</sup> Classe, Membro da Academia Sueca, e Sua Magestade ElRei de Dinamarca a Mr. Edmund Von Bourke, Grão Cruz da Ordem de Dannebrog, e Cavalleiro da Aguia Branca; os quaes depois de trocarem seus plenos poderes em boa e devida fórma, concordarão nos seguintes artigos: —

Art. I D'aqui em diante haverá paz, amizade e boa intelligencia entre Sua Magestade ElRei da Suecia, e Sua Magestade ElRei da Dinamarca; as altas partes contractantes farão quanto poderem para conservar perfeita harmonia entre si, seus respectivos estados e vassallos, e evitar todas as medidas, que possam ser nocivas á paz felizmente restaurada entre elles.

II. Tendo Sua Magestade ElRei da Suecia inalteravelmente determinado de maneira alguma separar os interesses dos Alliados dos seus proprios, e dezejando Sua Magestade ElRei da Dinamarca que seus vassallos gozem outra vez dos fructos da paz; e porque Sua Magestade recebeu por meio de Sua Alteza Real o Principe Herdeiro da Suecia positivas seguranças da parte das Cortes da Russia e Prussia, da sua amigavel disposição para tornarem aos antigos vinculos de amizade com a Corte Dinamarqueza, como existião antes de se romperem as hostilidades; de maneira que solemnemente se encartegão e estão resolutos da sua parte a não desprezar cousa alguma, que possa encaminhar-se a huma pronta paz entre Sua Magestade ElRei da Dinamarca, e Suas Magestades o Imperador da Russia e ElRei da Prussia: Sua Magestade ElRei da Suecia se obriga a empregar a sua Mediação com os Seus Altos Alliados, para que este saudavel objecto se consiga o mais breve possível.

III. Sua Magestade ElRei da Dinamarca para dar huma prova manifesta da sua vontade de renovar as apertadas relações com os Altos Alliados de Sua Magestade Sueca, e plenamente convencido que da parte delles se nutrem os mais ardentes dezejos de se restituirem a huma pronta paz, como solemnemente declararão antes de romperem as hostilidades, se obriga a tomar huma parte activa na causa commum contra o Imperador dos Francezes, declarar guerra á aquella Potencia, e em consequença ajuntar hum corpo auxiliar Dinamarquez ao exercito do Norte da Allemanha, debaixo das ordens de Sua Alteza Real o Principe Herdeiro da Suecia; e tudo isto em conformidade e execução da convenção que se estabeleceu entre Sua Magestade ElRei da Dinamarca e Sua Magestade ElRei da Grán Bretanha e Irlanda.

IV Sua Magestade ElRei da Dinamarca por si e por seus successores renuncia para sempre e irrevogavelmente todos os seus direitos e pretensões ao Reino da Norwega, juntamente com a posse dos Bispados e Dioceses de Christiansand, Bergenhuis, Aggerhuus e Drontheim, além de Nordland e Finmarck, até as fronteiras do Imperio Russo.

Estes Bispados, Dioceses, e Provincias, que constituem o Reino da Norwega, com os seus habitantes, Cidades, Bahias, Fortalezas, Villas, e Ilhas, ao longo de toda a costa daquelle Reino, juntamente em suas dependências (excepto Greenland, as Ilhas Ferroe, e a Islandia); bem como todos os privilegios, direitos, e emolumentos a elles pertencentes, pertencerão, como plena e soberana propriedade, a ElRei da Suecia, e farão parte do seu Reino Unido. Para este fim S. M. ElRei da Dinamarca se obriga da maneira mais solemne, tanto por si como por seus successores, e por todo o Reino, daqui em diante a não fazer reclamação, directa ou indirecta, sobre o Reino da Norwega, ou seus Bispados, Dioceses, Ilhas; ou outro algum territorio a elle pertencente. Todos os habitantes, em virtude desta renuncia, são dispensados do juramento, que prestarão ao Rei, e á Coroa da Norwega.

V. Sua Magestade ElRei da Suecia se obriga por outra parte da maneira mais solemne, a fazer que os habitantes do Reino da Norwega, e suas dependências, gozem para o futuro de todas as leis, franquezas, direitos, e privilegios, quaes até agora havião subsistido.

VI. Como toda a divida da Monarquia Dinamarqueza he contrahida tanto sobre a Norwega, como sobre as outras partes do Reino, por isso Sua Magestade ElRei da Suecia se obriga, como Soberano da Norwega a ser responsavel por huma parte daquella divida, proporcionada á população e

rendas da Noruega. Deve entender-se por divida publica aquella, que foi contrahida pelo Governo Dinamarquez, tanto dentro como fóra do paiz. A ultima consiste em obrigaçoens Reaes e do Estado, bilhetes de banco, e papel moeda anteriormente expedido debaixo da authoridade Real, que hoje circulaõ em ambos os Reinos.

Commissarios nomeados por ambas as Coroas para este fim tomarão huma exacta conta desta divida, e a calcularão sobre huma justa divisão da população e rendas dos Reinos da Noruega e da Dinamarca. Estes Commissarios se ajuntaráõ em Copenhagen, dentro de hum mez depois da troca da ratificação deste Tratado, e concluirão este negocio o mais breve possível, e ao menos antes de acabar o anno; bem entendido porém que ElRei da Suecia, como Soberano da Noruega, não será responsavel por outra parte da divida contrahida pela Dinamarca, senão daquella, a que a Noruega era obrigada antes da sua separação.

VII. Sua Magestade ElRei da Suecia por si e seus successores renuncia irrevogavelmente, e para sempre, a bem de ElRei da Suecia, todos os direitos e pertençaõs ao Ducado da Pomerania Sueca, e ao Principado da Ilha de Rugen.

Estas Províncias, com todos os seus habitantes, Cidades, Portos, Fortalezas, Villas, e Ilhas, e todas as suas dependencias, privilegios, direitos e emolumentos, pertencerão em plena soberania á Coroa da Dinamarca, e serão encorporados com este Reino.

Para este fim Sua Magestade ElRei da Suecia se obriga, da maneira mais solemne, tanto por si como por seus successores, e por todo o reino da Suecia, a nunca fazer alguma reclamação, directa ou indirecta, a cerca das ditas Províncias, Ilhas, e territorios; por tanto em consequencia desta renuncia os habitantes ficão dispensados do juramento, que prestarão a ElRei e á Coroa da Suecia.

VIII. Sua Magestade ElRei da Dinamarca se obriga similhantemente a segurar aos habitantes da Pomerania Sueca as Ilhas de Rugen, e suas dependencias, suas leis, direitos, franquezas e privilegios, quaes actualmente existem e se contém nos actos dos annos de 1810 e 1811.

Como nunca o papel moeda Sueco correu na Pomerania Sueca, por isso Sua Magestade ElRei da Dinamarca se obriga a não fazer alteração a este respeito, sem o conhecimento e consenso dos Estados da Provincia.

IX. Havendo-se Sua Magestade ElRei da Suecia, pelo VI Artigo do Tratado de Alliança, ajustado em Stockolm a 3 de Março de 1813 com Sua Magestade ElRei da Gran Bretanha e Irlanda, obrigado a abrir o porto de Stralsund, pelo periodo de vinte annos, contados da data da troca da ratificação do tratado, como hum *entreposto* para todas as produccoens coloniaes, mercadorias, e manufacturas, trazidas da Inglaterra e suas Colonias, em navios Suecos ou Inglezes, pagando hum por cento *ad valorem* sobre as fazendas deste modo introduzidas, e hum igual direito na sahida; Sua Magestade ElRei da Dinamarca se obriga a cumprir esta convenção existente, e a renova-la no Tratado com a Gran Bretanha.

X. A divida publica, contrahida pela Camara Real da Pomerania, fica a encargo do Rei da Dinamarca, como Soberano do Ducado da Pomerania, que toma sobre si as convençoens ajustadas para a redução da dita divida.

XI. ElRei da Dinamarca reconhece as doaccoens, que ElRei da Suecia tem concedido sobre os dominios e rendas da Pomerania Sueca, e da ilha de Rugen, e que impostarão annualmente na somma de 430 rixdollars Pomeranios; igualmente se obriga Sua Magestade a manter os donatarios em plena e inalteravel posse dos seus direitos e

rendas, de maneira que possam receber, vender, ou traspassar os mesmos, e que tudo seja pago sem algum embaraço, ou sem direitos e custas, de qual-quer denominação que sejam.

XII. Suas Magestades ElRei da Suecia e ElRei da Dinamarca mutuamente se obrigão a nunca desviar do seu original destino os dinheiros appropriados a objectos de beneficencia, ou de pública utilidade, no Reino da Noruega, e no Ducado da Pomerania Sueca, com as suas respectivas dependencias.

ElRei da Suecia, em conformidade desta mutua convenção, se obriga a sustentar a Universidade da Noruega, e ElRei da Dinamarca a de Greiswald.

O pagamento de todos os officiaes publicos, tanto na Noruega como na Pomerania, ficarão a cargo da Potencia adquiridora, contando do dia em que tomar posse.

Os pensionarios receberão as pensões, que lhes estiverem assignadas pelo précedente Governo, sem interrupção ou alteração.

XIII. Querendo ElRei da Suecia, quanto for praticavel, e depender d'elle, que o Rei da Dinamarca receba compensação pela renuncia do reino da Noruega, do que Sua Magestade deu prova satisfactoria na cessão da Pomerania Sueca e da Ilha de Rugen, empregará igualmente Sua Magestade todos os seus esforços com as Potencias Alliadas, para que segurem em addição, na paz geral, hum pleno equivalente para a Dinamarca pela cessão da Noruega.

XIV. Immediatamente depois de assignado o presente Tratado, mandar-se-ha huma participação do mesmo, com a possível brevidade, aos Generaes e exercitos, para que cessem inteiramente as hostilidades por ambas as partes, tanto por mar como por terra.

XV. As Altas Partes contractantes se obrigão a que cessem immediatamente depois da assignatura do presente Tratado todas as contribuiçoens e requisiçoens de qualquer genero e denominação, de maneira que não tenham vigor ainda mesmo aquellas que houverem já sido ordenadas. Convém igualmente que todos os bens, que forão sequestrados pelo exercito do Norte da Allemanha, se restituão aos seus proprietarios. Exceptuão-se os navios e cargas pertencentes aos vassallos de ElRei da Suecia e seus Alliados, que houverem sido levados para os postos dos Ducados de Sleswick e Holstein; estes ficarão aos seus presentes proprietarios, que disporão d'elles como quizerem.

( Este artigo dispoem tambem o modo, com que as tropas alliadas hão de despejar as praças de Holstein e Sleswick, de que estavam de posse. )

Immediatamente depois de assinado o presente tratado, as tropas Suecas entrarão na Norwega, para tomar posse de todas as suas praças fortes. Sua Magestade ElRei da Dinamarca se obriga a dar as ordens necessarias para este effeito.

As tropas Suecas entregarão a Pomerania Sueca, e a ilha de Rugen ás tropas d'ElRei da Dinamarca, logo que as tropas Suecas houverem tomado posse das fortalezas de Frederickshall - Kongswinger, Frederickstadt e Aggerhuus.

Lê-se em hum periodico Inglez a seguinte narração  
debaixo do titulo de Principes da Casa  
de Bourbon.

**S**E ha algum periodo, em que esta desgraçada familia tem menos que nunca merecido a nota de falta de character activo e de energia, he certamente neste momento em que *Monsieur*, e o Duque de Angouleme, estão presentes em França em dois differentes cantoes; e quando o Duque de Berry está á mão, na costa oriental, e esperando somente as armas necessarias para desembarcar com probabilidade de bom exito.

Luiz XVIII, o Principe de Condé, e o Duque de Bourbon, seguirão tambem para alli logo que a bandeira branca estiver desenrolada nas provincias, protegida por huma força Franceza Realista, armada e organizada.

Causas politicas, de que ellas não podião dispor, forão a só causa, que os deteve aqui até esta hora.

He de sobra por agora. Durante os ultimos 26 annos da sua cruél revolução, no meio de tantos acontecimentos importantes, mais estrondosos do he os acontecimentos ordinarios de séculos, não he para admirar que os homens se esqueção, ou ignorem, o que estes infelizes Principes fizeram pela causa Real, sem se deixarem soobrar hum momento pelas infinitas malignas circumstancias e obstaculos, que tem encontrado; e portanto póde-se julgar proveitoso nestas vistas, corrigir huma errada opinião, e dar huma idéa do honroso comportamento, que elles tem mostrado desde a sua partida da França; a fim de que os habitantes beneintencionados daquelle paiz opprimido, assim como outras naçoens, formem hum juizo justo, e lhes prestem aquella geral estimação, que elles merecem tão bem.

Quando os Principes da Casa de Bourbon acima nomeados conhecerão que não tinham forças para resistir á torrente da revolução, que ameaçava as vidas do Rei Luiz XVI, e de toda a sua familia, e que a sua presença não podia atalhar, resolverão retirar-se da França; e dos fins de 1789 até os principios do anno seguinte, deixarão sua patria, e dirigirão-se á Corte de El Rei de Sardenha, cunhado de Luiz XVIII e de *Monsieur*, para alli procurar hum amparo contra huma insurreição produzida por huma falsa idéa de liberdade, e que ameaçava tambem o resto da Europa.

Elles implorarão a protecção de todas as testas coroadas, a favor de seu desgraçado irmão; e em consequencia do Tratado concluido por alguns delles em Pilnitz, em 1791, alcançarão consideraveis socorros da Austria e da Prussia, que se unirão em Coblentz, em 1792, debaixo das ordens do Duque de Brunswick, commandante das forças alliadas. Toda a nobreza de França se alistou debaixo da bandeira branca — Francezes de todas as classes correrão a ella do interior de França; e guiados pelos seus principios, penetrarão até muito perto de Chalons com os exercitos alliados, debaixo do commando do Duque de Brunswick, quando este foi induzido por Dumorier, que então commandava a força Franceza, a retirar-se para as fronteiras da França, affirmando o General Francez que a Municipalidade de Paris o havia informado que as vidas de Luiz XVI e de sua familia se poderiam poupar, se elle consentisse em retirar-se. Sua Alteza Serenissima por humanidade, conveio na proposta, ainda que contra a opinião de hum Conselho de Guerra, no qual o maior numero se lhe oppoz, entre os quaes era o Marechal de Castries, encarregado de plenos poderes de Luiz XVI e Luiz XVIII, e que sabia que a proposta era hum estratagemas; mas nada pôde estorvar a retirada, que foi orde-

nada immediatamente, e a perda da parte dos exércitos alliados foi immensa. Daqui se seguirão desgraças de todo o genero, e as invasoens de Flandres e Allemanha. Os Principes de Bourbon não tinham remedio senão seguir a retirada dos Alliados; e não querendo intrometter-se, quando não erão já respeitados, buscarão asylo em Ham, na Westphalia. Monsieur, esperando que no Brabante os Alliados podessem outra vez obrar pela offensiva; foi unir-se-lhes; mas frustradas as suas esperanças, voltou, e então resolveu hir para Petersburg; e sollicitar a Imperatriz Catherina a ajudar Luiz XVI a recuperar o throno. Alli foi recebida com a maior benignidade, e se lhe fizeram as promessas mais lisongeiras; mas não querendo fazer pessoalmente hostilidades, temendo comprometter seu irmão, se dicio que o Principe de Condé, seu filho, e seu neto (o Duque d' Enghien), á frente de 12 ou 15000 Francezes Realistas, fidalgos e soldados servissem debaixo das ordens da Austria, segundo as circumstancias.

Os Duques de Angoulême e Berry, que haviam acabado a sua educação, se lhes ajuntarão, e sempre na guarda avançada com os Duques de Bourbon e Enghien se distinguirão grandemente por seu valor em vinte diversas acçoens, ganhando a geral estimação, tanto dos Alliados como até dos proprios inimigos. O Duque de Bourbon, gravemente ferido no ataque do inimigo, foi obrigado a refugiar-se em Inglaterra (a cujo soldo estava então o exercito de seu Pai) até se restabelecer.

Apenas elle chegou, que a situação dos negocios em La Vendée chamando a sua presença, elle estava a ponto de partir com Monsieur para aquelle paiz, quando a fatal derrota em Quiberon poz fim ás suas esperanças.

Neste tempo Luiz XVIII tinha sido reconhecido pela Imperatriz Catharina, que lhe enviou

Conde Romanzoff, em Ham; e depois a Inglaterra, cujo governo estava então debaixo da administração de Mr. Pitt, deu ordens a Lord Macartney, para hir como embaixador a Verona, onde então estava Luiz XVIII, e que pensou que nada pôde fazer melhor do que seguir os seus pareceres, que tão bem concordavão com os seus desejos, e caminhou para o exercito do Principe de Condé, então em Brisgau, sobre o Rheno; mas logo que o Imperador da Austria soube que elle alli estava, as vistas politicas do seu Gabinete differindo das do Rei Francez, que intentava conservar a integridade da antiga França, mandou successivamente tres ordens peremptorias ao Marechal Wurmser, para que fizesse civilmente retirar a Luiz XVIII, e se este recusasse, posesse na retaguarda o exercito do Principe de Condé, e em summa empregasse a força, se necessario fosse. Luiz XVIII, não podendo resistir a esta ordem positiva, e não querendo privar a nobreza Franceza da sorte ou possibilidade de entrar em França, e restabelecer-se, prefereio o seu sacrificio pessoal; e retirou-se sem saber, onde havia de achar refugio. Toda a Allemanha estava então escrava de Bonaparte. Nenhum dos seus Principes lhe permitteria ficar nos seus dominios, temendo comprometter-se. Na sua viagem, tendo huma noite descansado em Dillingen, perto de Donawerth, puzendo a janella para tomar ar, foi ferido na cabeça por huma ballea de mosquete, atirada por hum Italiano, pago para este fim por Napoleão. O Maire da Cidade, temendo algum tumulto entre o povo, não só deixou escapar o assassino, mas pediu ao Rei que não se demorasse 24 horas na Cidade; desta maneira Sua Magestade, não obstante o perigoso estado, em que estava pela sua ferida, foi obrigado a sair sem saber onde havia de encontrar descanso. Felizmente o Marechal de Castries conseguiu, ainda que com muita

dificuldade, licença do seu amigo o Duque de Brunswick, para elle ficar em Blankenberg; dalli logo depois se refugiou em Varsovia, depois em Curland, e finalmente em Mittau, onde o Imperador Paulo consentio em recebe-lo; em quanto alli persistiu recebeu de hum Ministro Prussiano, somnado por Bonaparte, a proposta de renunciar a coroa da França por huma indemnidade. Sua Magestade engeitou huma tal proposta com o desprezo, que ella merecia. Quando se effectuou o tratado de Tilsit, sabendo positivamente que a sua vida estava em perigo, embarcou sem hesitar com a sua familia para a Inglaterra, onde foi recebido com a maior hospitalidade, e com huma attenção e civilidade, que elle não havia encontrado em outra parte.

Durante este tempo a Inglaterra querendo ajudar os Realistas, que appareção outra vez ao Oest da França, permittio que Monsieur embarcasse, e que o Duque de Angouleme o acompanhasse. Sir J. B. Warren, com huma pequena esquadra, o desembarcou em Noirmontiers, e na Isle de Dieu, da qual tomarão posse; mas Bonaparte, havendo sufocado aquelles disturbios, anniquilou-se toda a esperança, e Monsieur, depois de estar embarcado tres ou quatro mezes, foi obrigado a voltar a Inglaterra, e logo depois do Tratado de Amiens se retirou para a Escossia. Renovando-se outra vez a guerra, tornou para Londres, e naquelle estado de cousas só podia esperar alguma favoravel mudança de circumstancias que occorresse. Elle, bem como todos os Principes da Casa de Bourbon, nunca deixarão de propor a cada potencia, e a seus gabinetes, que os deixassem actuar. O Duque de Angouleme sahio de motu proprio para Hespanha, com tenção de passar dalli para a França: mas parou em Falmouth. Sem duvida motivos politicos o embaraçarão de proseguir.

Quando a Alemanha começou a sacudir o ju-

go do Corso, Monsieur embarcou para o Continente. Elle não pôde desembarcar, porque os Francezes havião tomado posse de Hamburgo, e tornou a embarcar em Heligoland, passando o Baltico para Stralsund; mas os alliados, havendo assignado hum armisticio, não lhe permittirão ficar alli, e foi obrigado a voltar para Londres. Agora finalmente conseguiu entrar na França, onde foi recebido com as aclamaçoens do povo, nas differentes provincias, porque passou, como igualmente o Duque de Angouleme no Sul, onde pela bizarrria das tropas Inglezas, e habilidade do seu General, os exercitos revolucionarios forão derrotados em Bordeaux, huma das mais populosas Cidades da França, saudou os Inglezes como libertadores, levantando os moradores com o maior alvoroço o tope branco, e declarando-se por huma antiga monarchia. De todas as referidas circumstanças, que são rigorosamente verdadeiras, se pôde justamente asseverar, que o Rei, e todos os Principes de Bourbon, tem feito tudo quanto está ao seu alcance para restabelecer a sua familia sobre o throno de seus antepassados, sem prejuizo dos interesses da sua patria; e pelo seu procedimento tem merecido universal auxilio na grande obra da destruição do Corso, só a qual pôde segurar a paz e a seguridade da Europa.

*Hum Realista, amigo da verdade.*

N. B. O Editor do Periodico ( Beel's Weekly Messenger ) não affiança a verdade dos factos allegados, e nós copiamos o presente artigo debaixo da mesma condição.

*Nova Constituição Franceza. Senado Conservador.  
Extrahido dos Registros do Senado Conservador de Quinta feira 6 de Abril.*

**O** Senado Conservador, deliberando sobre o plano de Constituição, que lhe apresentou o Governo Provisional, em observancia do Decreto do Senado do 1.º do corrente: —

Depois de ouvir a informação de huma Comissão Particular de sete membros: decreta o seguinte: —

Art. 1. O Governo Francez he monarchico e hereditario de varão em varão, na ordem da primogenitura.

2. O povo Francez chama livremente ao throno de França Luiz Estanislaú Xavier de França, irmão do ultimo Rei, e depois d'elle os outros Membros da Caza de Bourbon, na antiga ordem.

3. A antiga nobreza torna a tomar os seus titulos. A nova conserva os seus hereditariamente. Conserva-se a Legião de Honra com os seus privilegios. O Rei fixará a insignia.

4. O poder executivo pertence ao Rei.

5. O Rei, o Senado, e o Corpo Legislativo concorrem a fazer as leis.

Podem-se propor planos de leis, tanto no Senado, como no Corpo Legislativo.

As que dizem respeito ás contribuiçoens se podem sómente propor no Corpo Legislativo.

O Rei pôde convidar igualmente os dois Corpos para se occuparem de objectos, que julgar convenientes.

He necessaria a sancção do Rei para complemento de huma lei.

6. Haverá 150 Senadores pelo menos, e 200 quando muito.

A sua dignidade he immovel, e hereditaria de varão em varão em ordem de primogenitura. São nomeados pelo Rei.

Os presentes Senadores, com excepção daquelles que renunciarem á qualidade de cidadão Francêz, são conservados, e fôrão parte deste numero. As actuaes riquezas do Senado e dos Senadores lhes pertencem. As rendas são igualmente divididas entre elles, e passão a seus successores. Em caso de morte de hum Senador sem posteridade varonil directa, o seu quinhão volta ao thesouro publico. Os Senadores, que forem nomeados para o futuro, não podem participar desta riqueza.

7. Os Principes da Familia Real, e os Principes de sangue, são de direito Membros do Senado.

As funcões de Senador não podem ser exercitadas por pessoa, que tenha menos de 21 annos.

8. O Senado decide os casos, em que a discussão de objectos perante elle for publica, ou particular.

9. Cada departamento enviará ao Corpo Legislativo o mesmo numero de Deputados, que mandava.

Os Deputados, que tihão assento no Corpo Legislativo na epoca do ultimo adianento, continuarão até serem substituidos. Todos conservarão seus ordenados.

Para o futuro serão eleitos immediatamente pelos Corpos Eleitoraes, que são conservados, com excepção das alteraçoes, que forem feitas por lei na sua organização.

A duração das funcões dos Deputados do Corpo Legislativo se fixa em cinco annos.

A nova Eleição terá lugar na Sessão de 1816.

10. O Corpo Legislativo se ajuntará de direito cada anno no 1.º de Outubro. O Rei pôde convocalo extraordinariamente; pôde adia-lo; pôde tambem dissolve-lo; mas no ultimo caso deve formar-se outro Corpo Legislativo, dentro em tres mezes o mais tardar, pelos Collegios Eleitoraes.

11. O Corpo Legislativo tem o direito de

discussão. As Sessões são publicas, salvo em casos que elle escolher formar-se em junta geral.

12. O Senado, Corpo Legislativo, Collegios Eleitoraes e Assembleas de Cantões elegerão seus Presidentes d'entre elles.

13. Nenhum Membro do Senado, ou Corpo Legislativo, pôde ser preso sem ordem do Corpo a que pertence.

O processo de hum Membro do Senado, ou do Corpo Legislativo, pertence exclusivamente ao Senado.

14. Os Ministros podem ser Membros ou do Senado, ou do Corpo Legislativo.

15. A igualdade da proporção nos tributos he de direito: não se pôde impor, ou receber tributo sem livre consentimento do Corpo Legislativo e do Senado. A jugada pôde só estabelecer-se por hum anno. Os fundos do anno seguinte, e as Contas do anno precedente, são apresentados annualmente ao Corpo Legislativo e ao Senado na abertura da Sessão do Corpo Legislativo.

16. A lei fixará o modo e quantidade da recruta do exercito.

17. A independencia do poder judicial he garantida. Ninguem pôde ser removido de seus Juizes naturaes.

A instituição dos Jurys he conservada, bem como a publicidade de processo em materias crimes.

Fica abolida a pena de confiscação de bens.

O Rei tem o direito de perdoar.

18. As Cortes e Tribunaes ordinarios existentes são conservados; não se pôde diminuir, ou augmentar o seu numero, senão em virtude de huma lei. Os Juizes são vitalicios e immoveis, excepto as Justiças de Paz e os Juizes de Commercio. As Commissoens e Tribunaes extraordinarios são supprimidas, e não podem restabelecer-se.

19. A Corte de Cassação, as Cortes de Apellação, e os Tribunaes de primeira instancia,

propõem ao Rei tres candidatos para cada lugar de Juiz vago no seu corpo. O Rei escolhe hum dos tres. O Rei nomeia os Primeiros Presidentes e o Ministro Publico das Cortes e Tribunaes.

20. Os militares em serviço, os officiaes e soldados a meio soldo, as viúvas e pensionarios publicos conservão seus postos, honras, e pensoes.

21. A pessoa do Rei he sagrada e inviolavel. Todos os Decretos do Governo são assignados por hum Ministro. Os Ministros são responsaveis por tudo que estes decretos contém em infracção das leis, da liberdade publica e particular, e dos direitos dos Cidadãos.

22. A liberdade do culto e de consciencia he garantida. Os Ministros dos cultos são tratados e protegidos da mesma maneira.

23. A liberdade da prensa he inteira, com excepção da legal repressão de offensas, que resultem do abuso dessa liberdade. As Comissoens Senatorias da liberdade da prensa, e da liberdade individual são conservadas.

24. A divida publica he garantida.

As vendas dos dominios nacionaes são mantidas irrevogavelmente.

25. Nenhum Francez será perseguido por opinioens, ou votos, que houver dado.

26. Todas as pessoas tem direito de dirigir peticoens individuaes a qualquer authoridade civil.

27. Todos os Francezes são igualmente admissiveis a todos os empregos civis e militares.

28. Todas as leis ao presente existentes ficão em vigor, em quanto não forem legalmente revogadas. O Codigo das Leis civis se intitulará *Codigo Civil dos Francezes*.

29. A presente Constituição será sujeita á acceitação do povo Francez na fórma que se regular. Luiz Stanislaw Xavier será acclamado Rei dos Francezes, logo que a houver assignado e ju-

rado, por hum acto que diga, *Accépte a Constituição ; juro cumpri-la, e faze-la cumprir.*

Este juramento será repetido com solemnidade, quando elle receber o juramento da fidelidade dos Franceses.

( Assignados ) Principe de Benevento, Presidente; Condes de Valence, e de Pastoret, Secretarios; o Principe, Archi-Thesoureiro; os Condes Abrial, Barbé Marbois, Emery, Barthelemy - Buldersbuch, Buernonville, Cornet, Carbonara, Le Grand, Chasseloup, Chollet, Coland, Davoust, de Gregory, Decroix, Depere, Demberriere, Dhaubersaert, Destatt Tracy, d' Harville, d' Hedouville, Fabre ( de l' Aude ), Ferino, Dubois, Dubais, de Fontanes, Garat, Gregoire Herwyn de Neville, Jaucourt, Klein, Journu, Aubert, Lambrsch, Lanjuinais, Lejeas Lebrun de Rochemont, Lemerrier, Meerman de Lespenasse, de Mautbadon, Lenoir Raroche, de Mailleville, Redon, Roger Ducos, Peré, Tascher, Porcher de Rechebourg, de Ponte Coulant, Saur, Rigal, St. Martin, de Lamotte, Sainte Suzanne, Sieyes, Schimmelpenninck, Vandigelder, Von de Pol, Venturi, Vaubois, Duc de Valmy, Villetard, Vimar, Vanzaylen, VanNyevelt.

---

**D**epois de estar no Prelo quasi todo este periodico, chegou a esta Corte a mais alegre noticia, que podiamos esperar. Ha tempo dissemos que estava proxima a catastrophe da sanguinaria Tragedia, de que a Europa tinha sido o theatro. Viamos desde 1806 infatuados os conselhos do Usurpador, observamos nas traiçoens horrorosas de Bayona, nas convençoens escandalosas de Fontainebleau, e assignaladamente no barbaro decreto de Milão, delirios de hum insensato, que atropellando as leis mais sa-

gradas, e os tratados mais solemnemente jurada, hia desafiar com huma louca politica o valor e a desesperação de naçoens tão assignadas na Historia pelo seu heroismo, como pela sua fidelidade. Enquanto os oueros povos da Europa dormião sobre os ferros, os Portuguezes e os Hespanhoes se irritavão com o seu pezo, e só procuravão despedaçá-los. A prudencia assombrava-se ao olhar para os obstáculos, mas o patriotismo lhes ensinava que não havia impossivel, que huma firme resolução e huma decidida constancia não superem. Milhares de victimas immoladas ao furor dos Vandalos atigavão a desesperada raiva dos Hespanhoes, que as scenas de Madrid não podião acalmar. Que milagres não offerece entretanto o pequeno Portugal? Junot, Massena, Marmont, Soult, e outros muitos famosos satellites do Despota, só colherão no seu terreno o opprobrio e a desesperação. O valor supre a disciplina, o patriotismo serve de numero, e o Bussaco admira os ensaios de tropas á primeira vista biso-nhas. Por ventura a esta prova se deveu a cautela e o receio de Massena: a este golpe conheceu o experto General com que tropas tinha de pelear. Então os seus projectos se suspendem, e huma feliz e habil retirada he quanto pode effectuar.

Este primeiro fructo da furia desacisada de Bonaparte acordou as naçoens do Norte, que a exemplo dos Portuguezes assentavão sacrificar tudo pela liberdade. Desta fonte de gloria rebentavão os assombrosos esforços, que por cima de estragos levavão a morte a quem trazia algemas, e manou huma constancia, que os revezes não entibiarão.

Saltemos por estes montoes de ruinas, fechemos os olhos aos horrores de huma carnagem sem exemplo, e fita a nossa attenção nos gloriosos successos d'agora, esqueçamos os estragos de hontem. Que scena tão interessante! Que mudança tão inesperada! Não he já Napoleão á testa de falanges

de assassinos que entra no Coração de Allemanha, são os Allemaens, que tranquillòs descanção as armas em Paris. Não vemos já ameaçado o throno do grande Frederico; vemos o discipulo e o camarada daquelle guerreiro conduzir hum exercito victorioso á capital da França. Os Russos não combatem já para desafrontar o seu paiz de huma irrupção barbara, do Don passarão ao Sena, de Moskow a Paris, e aquelle que abalou o solio de Pedro Grande, foge espavorido para Fontainebleau. Callarei os guerreiros de Carlos XII, e todos os outros generosos Alliados, que de mãos dadas sacodirão o throno do Corso, e o derribarão. A minha admiração se embebe em hum objecto sobranceiro, tão novo como illustre, e prospero em suas consequencias. Todos o previnem. Hum Bourbon apparece no meio daquelle nação enganada: hum Bourbon! nome illustre que o barbaço Napoleão quizera não só fazer desaparecer do Universo, mas até riscar das paginas da Historia! Hum descendente de Henrique IV, trajando as nobres galas, que lhes deixarão seus maiores; apparece no meio dos Francezes, e os Francezes depoem a selvage ferocidade, que lhes communicara o indigno Chefe. Derribão-se as aguias, arvorão-se os lyzes, á tricolor bandeira succede a branca, que annuncia a todo o mundo a chegada da paz. A França toda, como unida em hum só corpo, brada de huma vez unanime. *Morra o Tyranno! Viva Luiz XVIII!*

Que tropel de factos todos singulares, prodigiosos todos, se desenvolvem de paucada! A historia se honra de transmittir á posteridade acçoens, que serão apenas cridas, quando faltar o enthusiasmo, que lhes deu o ser. Quem se persuadirá hum dia de huma tão subita mudança! Quem se lembrará de huma dynastia ephemera, que manchou os thronos da Europa, a despeito dos direitos mais sagrados! Quem se persuadirá que os legitimos Sobera-

nos esbulhados de suas Coroas, proscriptos, desterrados, virão em hum momento os seus antigos povos dobrarem ante elles o joelho, e acharem estreito o Coração para conter tanto jublilo! Sim eu não duvido affirmar que o Sceptismo será hum dia o juizo da posteridade, assombrada de tantos prodigios. Tão difficil he de crer aquilo que excede a nossa expectação!

Porém seria esteril a nossa admiração, se embriagados com os vivas e aclamaçoens das naçoens libertadas, não attentassemos ás vantagens, que dalli se derivão. Mas como poderei eu expressa-las todas? Dizer que a Europa constitue huma só familia, he empregar a fraze dos alliados. Que o sangue não correrá já em rios sobre terrenos estrangeiros e muitas vezes ingratos: que não vergaráõ as estradas com o pezo da bagagem e da artilharia: que o Lavrador descansará sobre o arado das fadigas da agricultura: que as artes tomarão a sua energia e elasterio: que as sciencias darão vãos rapidos de reino em reino, da terra ao Ceo e asoerberarão outra vez os Estados, que o Vandalismo usurpara; isto he apenas huma pequena parte das vantagens da paz. Mais transcendentés são sem duvida as prosperidades da Europa; porque não se trata só de suspender o flagello da guerra, e de apagar o faxo da discordia. Dissipou-se da face do mundo politico hum monstro, que ameaçava a todos: secou aquella fonte, que parecia inexaurivel de calamidades, e de estragos. Não são já tregoes passageiras, cimentadas com as ruinas de hum Estado, e com o engrandecimento gigantesco daquelle formidavel colosso; he huma paz allcerceada sobre a independencia reciproca sobre a mutua restituição de violentas usurpaçoens. Neste golpe de vista se descobre hum mais vasto horizonte politico, capaz de alvoroçar o coração mais gelado do mais indifferente Cidadão. Aquelle mesmo que, forrado

de bronze para qualquer outro sentimento, salvo hum interesse grosseiro e sordido, só encara os meios de augmentar huma fortuna, que he muitas vezes seu tormento e seu verdugo, verá em novos recursos á sua ambição hum novo motivo de prazer.

Recceïamos soltar demasiado os vôos ao nosso espirito, sim abatido e quasi desfalecido pela força dos males physicos e moraes, que o opprimem, mas que por huma energia magica, que lhe inspira o patriotismo, se sente elevado acima da sua esfera, e esquecido da esterilidade de seus sentimentos e de seus esforços. Acabariamos portanto estas insipidas reflexoens, se podessemos hum instante esquecer-nos do alvo das nossas fadigas — *a prosperidade do Brazil.*

Para de huma só vez comprehender todas as idéas, basta mencionar a Ordem de S. A. R. para que em todos os Portos dos Seus Dominios se recebão navios de todas as naçoens, e dos mesmos portos possam sahir embarçaõens para qualquer parte. Portuguezes! Já não tendes inimigos! O Oceano vos abre as portas, cortai-o com aquelle denodo, com que o assoberbastes no Seculo XVI! Os vossos generos são exportados, vendidos com vantagem! Abri a terra, e ajuntai copiosas colheitas. A lavoura, paralisada por falta de consumo, vai prosperar sem limites. Applicai a vossa industria. A vossa industria vos fará abastados. Portuguezes! Outra vez o digo. Já não tendes inimigos! A's abundosas messes de gloria vão succeder os doces prazeres da Sociedade, os copiosos fructos da abundancia! Que Scena para o meu Coração! Que consoladora Scena para hum Coração inflamado no amor da sua Patria!

Suspendamos já a nossa penna, e reservemos ao juizo do Leitor suprir idéas que apenas deixamos entrever. Agora só nos resta enriquecermos este periodico com os maduros fructos da liberdade. O que perá termo á nossa tarefa.

L I T T E R A T U R A .

*Aos Benemeritos da Patria em Monumento. Por  
A. da R. F. Em Villa Rica.*

O D E .

*Dignum laude Virum Musa vetat mori:  
Caelo Musa beat.*

Horat. Ode 7.<sup>a</sup> L. 4.<sup>o</sup>

Strophe 1.<sup>a</sup>

**E**U fora delinquente , indigno eu fora  
De meus labios tingir na Sacra Fonte  
Se tendo sempre em braços  
A branda Lyra , não cantasse hum' hora ,  
Em honra da Virtude , os Bemfazejos  
Semideozes da Patria.

Antistrophe 1.<sup>a</sup>

He sagrado dever , que incumbe ao Vate ,  
Preparar aos Heroes , que a Patria illustrão ,  
A immarcescivel palma.  
Ao Vate , e só ao Vate (1) , o jus foi dado  
De vestir aos Mortaes , terror do Lethes ,  
O arnez da Eternidade.

Epodo 1.<sup>o</sup>

Se a tal assumpto , e tanto ,  
Meus fracos hombros vergão  
( Pois c' o pezo do Ceo Atlante accurva )  
Tu , Virtude , me alenta.

Strophe 2.<sup>a</sup>

Fernando, (2) Almeida, (3) e tu, Noronha (4) egregios!  
 Mascarenhas preclaro (5)! O' nomes dignos  
 Do Vate, que no Tibre  
 Alçou a voz Divina! Dignos Nomes  
 Da Lyra, a cujo som Ceos, Astros trepa  
 O magestoso Elpino!

Antistrophe 2.<sup>a</sup>

Sempre affaveis, benignos, sempre ternos  
 Ao queixume do Pobre, aos ais do Oppresso,  
 Hum padrão Vos erguestes (6)  
 Mais perennal que o bronze: a Patria o zela,  
 Guarda-o Virtude, e Fama não fallace  
 Nos hombros o levanta.

Epodo 2.<sup>o</sup>

Hum nunca ouvido canto  
 A minha Clio anhela,  
 Com que vos louve d'arte, que ao de Cesar (7)  
 Mais claros Astros junte.

Strophe 3.<sup>a</sup>

Voemos, minha Musa, ah, sim voemos  
 Onde vivem perenne gloriosos  
 Os Immortaes da terra.  
 Aos briosos Ethontes bate as redeas,  
 E pelos longes campos da Memoria  
 Levemos della os dignos.

Antistrophe 3.<sup>o</sup>

Meus olhos já descobrem guarnecido  
De Palmas, e Loureiros bronzeo Templo  
    Nas nuyens esteiado.  
Povo de Heróes, que em paz, ou dura guerra  
Façanhozos a Patria allumiarão,  
    Alli domina os Evos.

Epodo 3.<sup>o</sup>

Eis vejo . . . Mas quem vejo,  
    Que ao Rei o throno escora,  
E á saude da Patria arrima os hombros!  
    Tu es, Nuno (8) invencibil.\*

Strophe 4.<sup>a</sup>

Tu, que no claustro o morrião empoado  
Pela Patria outra vez cinges, que he causa  
    De Deus, da Patria a causa.  
Oh, e com quanta palma ao grão Pacheco, (9)  
E ao fragueiro Albuquerque (10) arreja o Indo  
    As fronte triumphozas!

Antistrophe 4.<sup>a</sup>

Qual o Grego (11) terribil, que a victoria  
Ao grão Medo encarenta, espavorido (12)  
    O tumido Hellesponto;  
Ou qual da Patria Pai, Camillo ouzado,  
Que ao Gallo, que oiro exige, o ferro objecta; (13)  
    Alli, Silveira, (14) assomas.

Epodo 4.º

E quem, ah! quem he este  
Que a empenhos da perfidia  
D'entre o espesso arvoreda de seus Louros  
Vê brotar o Cipreste! (15)

Strophe 5.ª

Mas tu recuas, Musa, ao triste aspecto,  
E o Ceo de Marte temeroza deixas!  
Onde, onde me sobes?  
Mais alto voas! Não, ah! não sejamos  
Icaros atrevidos, que renome  
A's patrias ondas demos.

Antistrophe 5.ª

E que alcaçar (ó Ceos!) ante meus olhos,  
De roseas nuvens torreado assoma  
Sobre argentados muros!  
As portas de Diamante o dia affrontão;  
O Rúbi, a Esmeralda, o Oiro assoalhão  
O penetral sagrado.

Epodo 5.º

He este, ah! sim he este  
O Ceo d'alta Minerva: (16)  
Aqui os Sabios, e os que ao Sabio honrarão,  
Eternizados vivem.

Strophe 6.<sup>a</sup>

Entre o Meonio Cisne, e o Mantuano,  
 Eis cinge o Luso a immarcescível heras;  
 Que arreia as sabias frontes.  
 Dirceo suave, o Luso Anacreonte,  
 Dos mirtos, e das rozas, que o coroão,  
 Coroa seus Amores.

Antistrophe 6.<sup>a</sup>

Ao frugal Hollandez assombro, e ao Tibre,  
 A' Lusitania esmalte, o grão Vieira (17)  
 Balda a sanha dos Évos.  
 Colosso d'honra, que assoberba os bronzes,  
 Tens na eterna memoria dos Vindouros,  
 Macedo (18) sobrehumano.

Epodo 6.<sup>o</sup>

Porém aqui Mecenas!  
 Aqui Luiz (19), e Augusto!  
 Outra vez Alexandre! O' quanto as Letras,  
 Quanto os Engenhos prestão!

Strophe 7.<sup>a</sup>

Claro lugar, e honrozo alli Te aguarda,  
 De Colbert (20), e dos Medicis ao lado,  
 Almeida esclarecido.  
 Alli por torres cem, Fernando egregio,  
 Penhorados o Rei, e a Patria, te alção  
 Teus publicos esmeros.

Antistrophe 7.<sup>o</sup>

Alli de Nectar te prepara o copo  
Louçã Prole de Jove, ó dos Engenhos  
Honrador, Mascarenhas.

Não longe, a Patria diz, não longe, a Fama,  
Que aurea séde Te cabe além dos Orbes,  
Douto, affavel Noronha.

Epodo 7.<sup>o</sup>

Alli, alli hum' hora,  
Ao Fado, e ás Musas caros,  
Que a fouce ruda aos pés vem submetter-vos,  
Vereis e o Tempo, e a Morte.

Strophe 8.<sup>a</sup>

Então a Terra indiciando ao longe,  
A Terra, que hum Oiteiro alli se antolha,  
Dos Reis o ser, e o nome  
No ar vereis esvair-se; e esboroadas  
As Choupanas, e os Tronos, só o Sabio,  
Só existir o Justo.

Antistrophe 8.<sup>a</sup>

Qual ante o dia a nevoa se desata,  
As grandezas vereis delir-se, e as honras:  
Mas como existe ainda  
Parte de Nós! (dizeis de assombro cheios):  
Ah! Certo existireis; não morre todo  
Da Humanidade o Amigo,

Epodo 8.º

Quando já na garganta  
Do Tempq, os bronzes forem,  
De hum Taillit (21), de hum Henrique (22), de  
hum Rei Homem (23)  
Será viva a memoria.

Strophe 9.ª

Talvez profana plebe, que os caminhos  
Presume de aventar, porque seu logo  
Ao Vate o Nume inspira,  
Audaz vozêe que, á Verdade errando,  
Co' a fermentida côr da vil fizonja  
Esmalto a minha Lyra.

Antistrophe 9.ª

Mas vós, de Jove Filhas, que os mysterios  
Do sacro Monte aos olhos deslumbrados  
Vedaes do vulgo insano,  
Vós me sois testemunhas, que se ouzado  
Rejo o esquadrão brilhante de meus hymnos,  
He meu pendão verdade.

Epodo 9.º

Vós sim, que me dictastes  
Que he só do templo d' Honra  
Digno o Mortal, a quem o timbre adorna  
De proprios aureos feitos. (24)

(1) Muito antes de mim o disse Horacio na Ode 8.<sup>a</sup> do L. 4.<sup>o</sup> a Lollio :

„ Vixere fortes ante Agamemnona  
Multi ; sed omnes illachrymabiles  
Urgentur , ignotique longã  
Nocte , carent quia Vate sacro. „

E trãs de Horacio Mr. Boileau na Epistola 1.<sup>a</sup> ao Rei , v. 169 :

„ Non , á quelque hauts faits que ton destin  
t' appelle ,  
„ Sans le secours soigneux d' une Muse fidelle ,  
„ Pour t' immortaliser tu fais de vains efforts. „

(2) O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Fernando José de Portugal , Marquez de Aguiar , do Conselho de Estado , Ministro Assistente ao Despacho do Gabinete , Presidente do Real Erario , e nelle Lugar Tenente Immediato á Real Pessoa &c.

(3) O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. João de Almeida de Mello de Castro , Conde das Galveias , do Conselho de Estado , Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha , e do Ultramar , Grão Cruz Honorario da Ordem da Torre Espada &c.

(4) O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Marcos de Noronha de Brito , Conde dos Arcos , Gentil Homem da Camara do Serenissimo Senhor Principe da Beira , Grão Cruz da Ordem de Avis &c.

(5) O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Francisco de Assiz Mascarenhas , Conde de Palma , do Conselho da Fazenda , Governador , e Capitão General da Capitania de Minas Geraes &c.

(6) Nenhuma virtude ha certo , que mais chegue o Homem a Deus , que a beneficencia. „ Homines

ad Deos nullâ re propius accedunt, quam salutem hominibus dando,, disse Cicero pro Ligario. E no 1.º de Oratore. ,, Nihil est tam regium, tam liberale, tam que munificum, quam opem ferre supplicibus, excitare afflictos, dare salutem, liberare periculis homines. ,, Para as Almas bem organisadas o miseravel he hum objecto sacrosanto; e Tito, aquelle que mereceu ser chamado ,, O amor do genero humano ,, julgava perdido o dia, em que não fizera algum beneficio. Quão mingoado he o numero dos que com elle sentem! E quão crescido o daquelles que aos seus titulos devião bem de ajuntar aquillo em Horacio, Ep. 9.ª do L. 1.º ,, Dissimulatores operis propriae, mihi commodus uni. ,,

(7) De quem aquillo em Ovidio Metam. L. 15, v. 748:

,, Resque domi gestæ, properataque gloria rerum  
In sidus vertere novum.

(8) O sempre memoravel D. Nuno Alvares Pereira Condestavel do Reino, que com admiravel resolução, e valor pugnou pela defensão da Patria no tempo do Senhor D. João I. Pouco tempo havia que se recolhera a hum Convento a fazer vida Religiosa, quando avizado por ElRei de que o de Tunes vinha pôr cerco a Ceuta, não duvidou sahír a campo, e pegar em armas em ajuda do Principe e da Nação; se bem que o inimigo desistio do intento. (Vê o Condestabre de Portugal, por Lobo, in fin.)

(9) Duarte Pacheco, que no Oriente obrara façanhas quasi incriveis.

(10) Affonso de Albuquerque, appellidado por seus feitos o Grande (ardido, e fragueiro lhe chamou Barros). Os Soberanos do Oriente honrarão sua memoria, tomando por sua morte lucto publico.

(11) O brioso Leonidas que com sós quatro mil Gregos investio com tal coragem, e abalroou nas Thermopylas o exercito immenso de Xerxes,

que lhe matou vinte mil Persas ; preço porque lhe vendeo com a propria vida a victoria. A Patria lhe consagrou ahi hum monumento , e todos os annos se lhe recitava hum elogio.

(12) E justamente , pois tão extraordinario foi o numero dos combatentes , com que Xerxes invadio a Grecia ,, Ut non immerito ( diz Justino L. 2.º , Cap. 10 ) proditum sit Græciam omnem vix capere exercitum ejus potuisse. ,, E Nepote : ,, Quantas ( copias ) neque antea , neque postea habuit quisquam. ,, Assim que a passar o Hellesponto ( hoje Estreito de Gallipoli ; ou braço de S. George ) por huma ponte de barcas gastou o exercito de pé sete dias , e sete noites successivos ; e occasioens houverão , em que beberão as fontes , e os rios , o que foi depois celebrado por Juvenal , Satira 10 , v. 176 :

Credimus altos

Defecisse amnes , epotaque flumina , Medo  
Prudente.

(13) Segundo aquillo de Floscul. Historia. Cap. 8 ,, Aurum superbe reposcentibus ( Gallis ) ferrum objecit , ac certantes delevit penitus , nullo relicto , qui Romam cepisset , Pater Patriæ , et alter Romulus merito dictus. ,,

(14) O Excellentissimo Marechal de Campo Francisco da Silveira Pinto , Conde de Amarante , que tanto se tem distinguido no serviço , e na defensão da Patria.

(15) O nosso insigne Viriato que tendo por dez annos guerreado os Romanos , sempre victorioso , como de outra sorte não podesse ser morto , á falsa fé o matarão os seus , peitados por Servilio Cepião , successor de Fabio. ,, Lusitanus Viriatus erexit ( diz Floro Liv. 1.º , Cap. 17 ) Dux , atque Imperator ; et si fortuna cessisset , Hispaniæ Romulus. ,, E acrescenta que morrera de traição. ,, Ut videretur aliter vinci non potuisse. ,,

(16) Armas , ou Letras são as duas brilhantes

veredas, que conduzem á Immortalidade. Elpino o tem na Ode 9.<sup>a</sup>

„ A Virtude, que guarda o sancto Templo,  
A entrada só reserva  
A' quem, c'ò alto exemplo  
Da sublime Minerva,  
Ou de Mavorte n'horrida campanha,  
De esplendente suor as faces banha. „

(17) O famoso Antonio Vieira, hum dos Genios mais vastos em conhecimentos assim Litterarios como Politicos, enviado Embaixador á Hollandã, e com negociaçoens á Roma em tempo do Senhor Rei D. João IV.

(18) Fr. Francisco de S. Agostinho de Macedo, homem extraordinario, e de profundo saber, que mereceo ser associado na embaixada á França ao Excellentissimo Marquez de Niza, que então lá era enviado com o character de Embaixador extraordinario por parte do mesmo Senhor Rei D. João IV.

(19) Luiz XIV de França, Homem de seculo, e sempre memoravel pelo apoio, que nelle encontrarão os Sabios, e as sciencias: taes forão entre os Gregos Alexandre, e Augusto em Roma aos quaes digão outros se deverá ser associado o grande Frederico, Rei da Prussia. Assim he que as Letras não despontão a lança; e Pallas, esta Deoza, que preside aos successos das Armas, he a mesma que protege as Artes, e as Sciencias.

(20) Foi o Mecenas do seculo de Luiz IV. A' instancias suas o Rei assignou gratificaçoens aos Sabios da França, e mesmo a alguns estranhos. Foi o maior Ministro de Finanças, que teve a França, e o maior Patrono de homens de letras. Na Florença o forão igualmente os Medicis.

(21) Mr. Arnaud na sua obra „ Recreaçoens do Homem sensivel, foi quem consagrou a memoria

deste, e outros Bemfazejos em Rouen. Veja-se a citada obra em linguagem, Tom. 1, a fol. 122. „

(22) O Infante D. Henrique foi não menos amador das sciencias, que das virtudes. Entre estas foi notavel a sua beneficencia; assim que tinha por diviza de suas armas esta letra: „ Vontade de bem fazer. „

(23) Rei Homem chamou Ferreira á ElRei D. João III pela humanidade de que era dotado.

(24) „ Nam genus, et proavos, et quæ non fecimus ipsi,

Vix ea nostra voco — disse Ovidio no L. 14. das Metam. v. 140. E o nosso Elpino na Ode 3.ª

Que o laurel das grandes Almas  
Jámais se tece das avitas palmas. „

*As desgraças da desconfiança, passagem do Poema da Imaginação por Dellile, traduzida verso a verso, por B.\*\*\**

**V**ES aquelle infeliz, que da Sicilia  
 O tirano convida a seu banquete !  
 Palido, amedrentado, reconhece  
 A perfida amizade ameaçadora ;  
 Traidoras iguarias prova a medo,  
 Temendo leva a taça aos roxos labios ;  
 Ergue aos doirados tectos vista incerta  
 E encara sobre si pendendo a espada ?  
 Da vida no banquete ah ! que a suspeita  
 Tal he, tal nos oprime ; ceo ! que digo !  
 O seu veneno azeda o doce nectar,  
 Dá projecto ao acazo, corpo ás sombras,  
 E mesma contra si punhaes aguça ;  
 Nos termos innocentes fel derrama,  
 E das proprias quimeras se horroriza.  
 Taes nas florestas credulos humanos,  
 Deoses temião que formado havião.  
 Comunicar os males, que soffremõs,  
 Bem como os gostos, repartir as dores,  
 Seo coração, no coração do Amigo,  
 Ir franco derramar ; deo-nos Natura  
 Precisão mais urgente, e mais gostosa ?  
 Tu só, tu não conheces, tu não gozas  
 Da doce confidencia o doce alivio.  
 De teu segredo em vão te oprime o pezo ;  
 Ao peito de que amigo ouzas manda-lo ?  
 Amigo ! e qual terás, se amar não podes ?  
 Da côr do Inferno, a suspetosa mente,  
 Torna celestes candidas delicias.  
 Seu mel a Abelha faz do mór veneno,  
 E puro objecto venenoso tornas ;  
 N'Amizade antevêz traição, calumnia,  
 De suspeita em suspeita o zelo marcha,

Rompe teus laços inimigo genio.  
 Tu Parentes não tens, tu não tens Patria,  
 Vives só; corre, foge, os homens deixa,  
 Co'as rochas e co'as plantas, eia habita  
 Nas solitarias, nas agrestes brenhas,  
 Onde os Ceos increpar á gosto possas  
 Para sempre dos homens te separa,  
 Vê-los não deves mais; nem mais ouvi-los,  
 Para a negra suspeita apenas vives  
 Aos vivos a saudade os mortos liga,  
 Entre elles e entre nós existe hum laço,  
 E os homens odiando rompes todos.

O tímido menino, o débil velho,  
 O Hospedé o Parente, o Amigo, tudo,  
 Tudo de susto de terror o assombra.  
 Que mortal jámais houve assaz mesquinho,  
 A que dado não foi na hora extrema,  
 D'Amizade nos braços reclinado,  
 Exhalar seu suspiro derradeiro?  
 Que lagrimas não vio banhar as faces,  
 D'um Irmão, d'uma Esposa, Amigo, ou Filho?  
 Infeliz! . . . espirando apenas soffre,  
 Que piedoza mão lhe cerre os olhos!  
 Outros não vê, não tem, que antes procurem  
 E que á tumba descer saudozo o animem.  
 O extremo adeus sómente o sol recebe! . . .  
 Só tens na morte azilo? oh desgraçado!  
 Da tumba, ao menos, ai! na paz descança.  
 Vós que saboreasteis seus escritos,  
 E vós que lhe deveis liçoens e lagrimas,  
 Do doce pranto, das liçoens em pago,  
 Sensiveis peitos, vinde, eu vo-lo entrego.

## A SAUDADE

*Cançoneta, por B.\*\*\**

VEM cá minha companheira,  
 Vem triste, e miúza flor,  
 Se tens da saudade o nome,  
 Da saudade eu tenho a dôr.

Accita este frio beijo,  
 Baijo da melancolia,  
 Tem d'amor toda a doçura,  
 Mas não o ardor d'alegria.

Onde te pegou Marília?  
 Dize, onde hum beijo te deu?  
 Mostra o lugar, n'elle quero  
 Tambem dar-te hum beijo meu.

Se Marília quer que pintes  
 O que ella sente por mim,  
 Porque murchas? não me lembres  
 Que amor tambem passa assim.

Marília em tudo te iguala,  
 Linda, delicada flor;  
 Mas infeliz, se em seu peito,  
 Quanto duras, dura amor!

Tu venturoza cuidavas,  
 Quando ella te colheo,  
 Que morrerias em seu seio,  
 Qual morri outr'ora eu.

Longe d'haste onde Favonio  
 Hia com tigo brincar,  
 Em vêz d'orvalho, te sentes  
 Só de lagrimas banhar.

Flôr infeliz ! . . . porém tu  
Quanto mais infeliz sou !  
Marilia nada te disse ,  
Quando ella a mim te mandou ?

Ah ! se tu saber podesses  
Quanto amor , quanta ternura !  
Se souberas as delicias ,  
Julgaras da desventura.

Mas que digo ? não me creias ,  
Não me vás atraiçoar  
Saudade he crime d'amor  
Seus misterios divulgar.

Obra publicada nesta Corte.

*Bosquejo de hum quadro synoptico civil, mediante o qual poderemos conhecer, e avaliar os homens, e as naçoens com acerto e facilidade. Por \*\*\*\**

**Q**Uando lemos este apparatuso titulo nos pareceu ouvir hum alchymista inculcando a descoberta da pedra filosofal. Tão importante era a solução deste problema! Muito mais quando este Lavatel tinha recopilado em huma pagina todos os differentes caracteres dos homens. Não he nossa tenção analysar huma obra de tal natureza, hum golpe de vista do Leitor descobre logo tudo quanto ella he. Huma taboa de duas entradas constitue toda a obra; na columna vertical se marcão as classes, Nobre, Plebeo, Rico, Pobre, Cazado, Solteiro, Magistrado, Cortezão, Potentado, Gente de pen-na e fazenda, Ecclesiastico, Soldado, Lavrador, assalariado ou jornaleiro, ignorante, sabio; na segunda Christão, hypocrita, desabusado, ignorante. Antes de passar adiante, já se vê que ha ignorante ignorante, e sabio ignorante. O Author se desembaraça gentilmente deste passo. Ouçamos as suas palavras *Sabio ignorante*. „ Parece contraditorio; mas chamando assim ao charlatão que se julga sabio, &c. „ Esta explicação he singular; e inteiramente arbitraria. Seria preciso combina-la com as idéas de sabio e de ignorante, não digo já adoptadas por todos, mas ainda postas no mesmo Quadro Synoptico. Que diremos do *ignorante ignorante*? „ Entendemos denominado assim o homem mais estolido; e então pôde apenas ser, ou hum animal fagueiro, que vai a quem quer que o chama, ou hum tigre que tudo arrebatá e despedaça. „ Não sei se admire mais ainda a definição do que o *ignorante ignorante*.

O A. contrapondo Christão a Hypocrita, parece dar ao primeiro o sentido de religioso em geral, o que igualmente se conclue de todas as suas definiçoens. Mas se esta palavra tem aqui hum sentido mais extenso, outra ha na mesma Obra, ( e que faz della huma parte essencial ) que tem huma accepção contraria da que geralmente se lhe tem dado. Fallo da palavra desabusado, a que o A. annexa as idéas mais horrorosas. Debaixo do titulo *Ignorante desabusado* achamos o seguinte: o *Ignorante irreligioso ou atheu* he hum malvado da primeira ordem, &c. D'aqui parece que se conclue, que desabusado quer dizer irreligioso ou atheu. E com effeito todas as extravagantes qualidades, que se achão debaixo deste titulo comprovão esta conclusão. Por exemplo: no artigo *Sabio desabusado* diz elle, ,, não merece chamar-se sabio, mas, por saber mais do que o vulgo e ser *immoral* faz-se tão temivel e *execravel*, quão digno de amor e respeito he o sabio religioso. ,, Eis-aqui outra vez desabusado opposto a religioso, e nada menos do que immoral. Ora os dictionariós de todas as linguas ( ao menos das que conhecemos ) dão a este termo o significado de livre de abusoens, de erros, de falsas crenças. D'aqui se seguiria evidentemente que o religioso ( que segundo o pensamento do A. he opposto a desabusado ) he o homem cheio de abusoens, de erros, de falsa crença, &c. Que blasfemia! Mas ella se conclue litteralmente das palavras do A.

Nada mais diremos desta Obra, para que a nossa Censura não seja maior que a mesma Obra.

## Continuação do Estado da atmosphera.

Março

Dia.	Ther.	Bar.		Tempo.
		Graos.	Pol.	
1	90	29	13	01 chuva
2	87		12	28 claro
3	88		12	4
4	88		12	20
5	87 $\frac{1}{2}$		12	40
6	89		12	12
7	89		13	
8	88		12	
9	89		13	32
10	88		12	14
11	86		13	12
12	85 $\frac{1}{2}$		13	24
13	87		13	20
14	86 $\frac{1}{2}$		13	18
15	87 $\frac{1}{2}$		14	20
16	85 $\frac{1}{2}$		13	30
17	87 $\frac{1}{2}$		13	20
18	86 $\frac{1}{2}$		13	12
19	87 $\frac{1}{2}$		13	18
20	84 $\frac{1}{2}$		12	40
21	84 $\frac{1}{2}$		12	20
22	86		12	40
23	86 $\frac{1}{2}$		12	30
24	84		13	4
25	83 $\frac{1}{2}$		12	20
26	83 $\frac{1}{2}$		12	44
27	82 $\frac{1}{2}$		12	20
28	86 $\frac{1}{2}$		12	18
29	86		14	20
30	79		14	22
31	74		14	16

Abril.

Dia.	Ther.	Bar.			Tempo.
		Grãos.	Pol.	Mil.	
1	70 $\frac{1}{2}$	29	14	12	
2	68		16	22	
3	70 $\frac{1}{2}$		16	16	
4	76		16	12	
5	76		16	22	
6	74		16	36	
7	74 $\frac{1}{2}$		16	40	
8	79		16	20	
9	76		16	12	
10	76		16	40	
11	75		16	44	
12	68		16	26	chuvozo
13	69		17	36	
14	64		16	36	claro
15	69		15	20	
16	71 $\frac{1}{2}$		16	26	
17	73		16	22	
18	74		14	30	
19	74 $\frac{1}{2}$		13	22	
20	76		12	28	
21	77		12	10	
22	77 $\frac{5}{8}$		10	36	
23	75 $\frac{1}{8}$		11	20	pezado e chuvozo
24	76		15	8	
25	74		12	14	
26	74		12	20	
27	73 $\frac{5}{8}$		13	16	
28	73		15	32	claro
29	72		13	34	
30	77		12	20	

## INDICE.

## TOPOGRAFIA.

- Discurso sobre a urgente necessidade de huma Povoação na cachoeira do Salto do Rio Madeira, para facilitar o utilissimo e indispensavel commercio, que pela carreira do Parã se deve fomentar para Mato Grosso, de que resulta a prosperidade de ambas as Capitánias. Author Ricardo Franco de Almeida Serra, Sargento Mór Engenheiro.* pag. 3

## GEOGRAFIA.

- Continuação da Memoria sobre a Capitania do Seará, continuada do N.º 1.º pag. 46.* 17

## HISTORIA.

- Extracto da Historia da Capitania de Goyaz, ordenada pelo Cirurgião Mór José Manoel Antunes da Frota.* 25

## POLITICA.

- Papel que se offerceo ao Serenissimo Rey o Senhor D. João IV, em que se mostra ser inconveniente para o augmento do Reino conservar-se nelle a Gente da Nação. Pelo Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus.* 35
- Advertencia.* 56
- Aclamação de Luiz XVIII em França.* 57
- O Maire de Bordeaux a seus Concidadãos.* 60
- O Duque de Angoulême ao Exercito Francez.* 63
- Falla do Maire de Bordeaux dirigida ao Marechal Beresford no dia 12 de Março de 1814 ao meio dia.* 64

<i>Falla que o mesmo Maire fez a Sua Alteza Real o Duque de Angouleme.</i>	65
<i>Falla do Arcebispo de Bordeaux ao Duque de Angouleme.</i>	66
<i>Proclamação aos Governadores, Generaes, Com-mandantes, Officiaes, Soldados, e habitantes de Cambray.</i>	66
<i>Proclamação da parte do Rei.</i>	68
<i>Instrucçoens.</i>	70
<i>Tratado de Paz concluido entre a Russia e a Paria.</i>	76
<i>Tratado de paz entre Sua Magestade ElRei da Suecia e Sua Magestade ElRei da Dinamarca</i>	77
<i>Principes da Casa de Bourbon.</i>	84
<i>Nova Contituição Franceza.</i>	99

## L I T T E R A T U R A.

<i>Ode aos Benemeritos da Patria em Monumento. Por A. da R. F. Em Villa Rica.</i>	99
<i>As desgraças da desconfiança, passagem do Poema da Imaginação por Dellile; troduzida verso a verso, por B.***</i>	111
<i>A saudade, Cançoneta, por B.***</i>	113
<i>Obras publicadas nesta Corte.</i>	115

---

<i>Continuação do Estado da Athmosjera.</i>	117
---	-----